



Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

Gabriela Ribeiro

Algumas letras para falar da “Festa das
Letras” de Cecília Meireles e Josué de
Castro

Campinas,
2011



Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

Gabriela Ribeiro

Algumas letras para falar da “Festa das Letras” de Cecília Meireles e Josué de Castro

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como exigência parcial para a conclusão da graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Prof^a Dr^a Norma Sandra de Almeida Ferreira.

Campinas,
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP
Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

R354a Ribeiro, Gabriela, 1989-
Algumas letras para falar da “Festa das Letras” de
Cecília Meireles e Josué de Castro / Gabriela Ribeiro. –
Campinas, SP: [s.n.], 2011.

Orientador: Norma Sandra de Almeida Ferreira.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) –
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Literatura infanto-juvenil. 2. Poesia. 3.
Alfabetização. I. Ferreira, Norma Sandra de Almeida. II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
Educação. III. Título.

12-056-BFE

Agradecimentos

Agradeço a Deus, por ter me dado a vida, por ter me carregado em seus braços em meus momentos mais difíceis e me guiado durante todo este percurso.

Agradeço aos meus pais que me deram apoio e suporte para que eu concluísse minha graduação.

Agradeço especialmente à minha mãe, incentivadora de sonhos.

Agradeço a minha irmã, Beatriz, grande amiga.

Agradeço ao Carlinhos, meu companheiro em tantos momentos.

Agradeço à professora Norma pela orientação, paciência, compreensão e amizade. Sou grata por tudo que pude aprender com ela.

Agradeço à Maria das Dores, minha segunda leitora, pela generosidade e ajuda.

Agradeço à minha amiga Daniela, por ser minha companheira durante todos os anos da graduação, uma amizade que levarei por toda a vida.

A todos que de alguma forma contribuíram para a realização desta pesquisa e minha formação.

Resumo

Esta pesquisa apresenta o livro *A Festa das Letras*, escrito por Cecília Meireles e Josué de Castro, publicado em 1937. Na tentativa de conhecê-lo na complexidade que assume enquanto produção literária voltada ao público infantil, tomamos como objeto de estudo a edição publicada pela editora Nova Fronteira, em 1996. Foram feitos estudos sobre a história da literatura infantil, inserindo nesta história a publicação desta obra e a biografia crítica de seus autores. Também foi feita uma análise da temática que a obra aborda e o uso estético-literário da linguagem. Trabalhamos com o jogo entre os usos da linguagem literária, informativa e visual das ilustrações e o conteúdo dos poemas, que sugere sentidos de humor, cria imagens poéticas, brinca com a relação entre *non sense* e realidade, com a intenção de ensinar, pelas letras do alfabeto, os preceitos de saúde e de higiene para a infância dos anos 30. Entre o jogo literário e pedagógico, a obra tem persistido no mercado editorial há mais de 70 anos. Tal trabalho desenvolve-se no âmbito do grupo de pesquisa “Alfabetização, Leitura e Escrita”, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

Palavras- chave: Literatura Infantil, poesia, alfabetização.

Abstract

This research presents the book *The letter's Party*, written by Cecília Meireles and Josué de Castro, published in 1937. In an attempt to meet him in the complexity that plays as a literary production aimed at children, we take as object of study the edition published by New Frontier in 1996. Studies were conducted on the history of children's literature, this story by entering the publication of this work and critical biography of the authors. We did, also, an analysis of the theme that the work addresses and literary and esthetic use of language. We work with the game between the uses of literary language, visual and informative illustrations and content of the poems, suggesting senses of humor, creates poetic imagery, playing with the relationship between non sense and reality, with the intention of teaching the letters of alphabet, the precepts of health and hygiene of children from year 30. Among the literary game teaching, the work has persisted in publishing for over 70 years. This work is developed within the research group "Literacy, Reading and Writing" College of Education at the University of Campinas.

Keywords: Children's Literature, poetry, literacy.

Índice

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO I	
A Importância da Leitura	11
CAPÍTULO II	
Literatura Infantil Brasileira	
• Contexto Histórico	14
• Poesia Infantil	21
CAPÍTULO III	
Arte Literária ou Pedagógica	25
CAPÍTULO IV	
Os Autores	
• Cecília Meireles	30
• Obras Dirigidas ao Público Infantil	33
• Josué de Castro	35
CAPÍTULO V	
O Livro “A FESTA DAS LETRAS”	
• A Capa	44
• As Ilustrações no Interior do Livro.....	45
• Disposição Gráfica.....	53
• Texto Escrito.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68

INTRODUÇÃO

Desde criança, a área de literatura chamava muito minha atenção. Adorava ouvir histórias e, quando aprendi a ler, muitas obras literárias foram companhia constante em minha vida.

Ao ingressar no curso de pedagogia, acabei me voltando de forma mais atenta para a literatura infantil e, assim, minha apreciação pela leitura de tais obras se tornou cada vez mais crescente.

Ao acreditar na importância da leitura e no quanto as obras literárias exercem influência e contribuem para a formação do indivíduo, tais livros foram se tornando cada vez mais relevantes para mim. Indo além do prazer da leitura, a qualidade da literatura infantil, que pode de forma divertida levar ao encantamento e à aprendizagem, também me atraía.

Dentro da Faculdade de Educação da Unicamp, conheci o grupo de estudos ALLE, que pesquisa questões relacionadas à leitura e à escrita na sociedade brasileira, desenvolvendo assim reflexões sobre tais temas. Procurei a Profa. Dra. Norma Sandra de Almeida Ferreira, que pertence a este grupo, e em uma de nossas conversas foi-me apresentado o livro *A Festa das Letras*, escrito conjuntamente pela poetisa Cecília Meireles e pelo médico higienista Josué de Castro.

Desde o princípio tal obra despertou meu interesse. Já conhecia a literatura de Cecília Meireles, que estava viva em minhas lembranças de infância. Seus poemas, com palavras leves e cheias de imagens poéticas, contribuíram e muito para que o gosto pela leitura se fizesse presente em mim. Não conhecia e não sabia da importância de Josué de Castro e de sua luta no combate à fome no Brasil durante várias décadas.

Conhecer mais sobre esta parceria e sobre a obra escrita por estes autores ampliaria meu conhecimento sobre literatura brasileira para o público infantil e sobre o que intelectuais militantes como eles propõem para a formação de nossas crianças.

O livro *A Festa das Letras*, de forma agradável vai, por meio de poemas, apresentando cada letra do alfabeto, trabalhando questões de higiene e saúde, destacando e incentivando hábitos considerados saudáveis pelos seus autores.

Pude perceber que não havia muitas pesquisas sobre este livro e que o que se encontrava eram somente citações em alguns artigos e livros que tratavam da temática literária. Diante deste contexto, e considerando o fato de ser esta uma obra que foi escrita originalmente em 1937 e que ainda hoje é editada, enfrentando assim longos anos e muitas mudanças, tanto em relação à gramática e à ortografia como dos ideais educacionais e pedagógicos, decidi iniciar minha pesquisa sobre *A Festa das Letras*.

Desta forma, o trabalho desenvolvido foi dividido em capítulos para uma melhor compreensão dos leitores. Primeiramente, a leitura foi abordada como prática social, cultural, aprendida e ensinada, que se dá em diferentes suportes, diferentes gêneros, inúmeras finalidades, modos e usos. Considerando também os leitores, que como seres humanos de carne e osso, que possuem emoções e vivências, transformam e são transformados por aquilo que lêem, que ouvem, que veem.

No capítulo seguinte, é apresentado o contexto histórico da literatura infantil brasileira e também da poesia no Brasil, num panorama que vem mostrando a ampliação no número de publicações destinadas especificamente ao público infantil e como se deu tal crescimento.

No terceiro capítulo, discute-se a questão do livro que ensina e das controvérsias que envolvem e perseguem a literatura infantil. Suscita os seguintes questionamentos:

tais livros são considerados didáticos, paradidáticos ou de literatura? A literatura pertenceria à arte literária ou à área pedagógica?

No capítulo seguinte, é apresentada uma breve biografia sobre Cecília Meireles e Josué de Castro, informando um pouco sobre a vida e a obra dos autores.

No quinto capítulo é feita uma breve análise do livro *A Festa das Letras*, quanto aos poemas, ilustrações, temáticas, usos de linguagem, etc., com a intenção de aproximar nosso leitor desta obra.

Por fim, numa tentativa de síntese, são feitas algumas considerações sobre questões inicialmente colocadas para este trabalho.

CAPÍTULO I - Importância da leitura

“É preciso fazer compreender a criança que a leitura é o mais movimentado, o mais variado, o mais engraçado dos mundos.” Alceu Amoroso Lima (Cunha, 1986, p. 76)

Mesmo vivendo em uma sociedade marcada pela mídia, TV, rádio, e infinitos meios de comunicação e disseminação da cultura, a leitura e a escrita nunca deixaram de ocupar seu lugar de importância, sendo consideradas instrumentos fundamentais na vida do ser humano. Fazer textos, escrever, é uma prática que não é neutra e nem universal, e que, ao ser explicitada de diversas formas, modos e finalidades, possibilita a comunicação. A partir da aprendizagem da leitura e da escrita, o conhecimento de mundo pode ser ampliado e o indivíduo pode ter acesso a outros instrumentos necessários à vida em sociedade.

Como prática social e cultural, a leitura é sempre contextualizada; situada em um espaço e tempo histórico definidos, refletindo, assim, os usos e valores daqueles que a produzem e consomem.

Por tudo isso, a produção da escrita e a prática da leitura são iniciadas já nos primeiros anos escolares, contribuindo desde cedo para o desenvolvimento cognitivo, intelectual e emocional da criança.

Embora haja uma política de apoio à leitura e movimentações que a defendam, nem sempre é possível encontrar profissionais da educação verdadeiramente comprometidos com a ação de ler. Neste sentido, é comum o incentivo para que educadores organizem suas práticas de modo a promover o interesse da criança pela leitura e também para familiarizá-la com a escrita, que pode ser encontrada em diversos meios e de diferentes formas.

Para Silva (1986), é possível por meio da leitura, descobrir, recriar, produzir. O leitor cria novos referenciais de mundo e se transforma em produtor de acontecimentos, por meio de sua compreensão e consciência crítica. Ler não é tão somente uma forma de conhecer, mas também de praticar a cultura.

O meio em que o indivíduo está inserido exerce total influência sobre seu interesse pela leitura e pela aquisição do hábito, gosto e prática de ler. Seu modo de conceber os benefícios e a utilidade da leitura contribuem para torná-lo um leitor assíduo ou não. Segundo Bamberger (1987), o processo de interesse pela leitura pode começar no lar, aperfeiçoando-se na escola e por toda a vida, sendo um processo

constante, mantido por meio da atmosfera cultural geral e de esforços da educação e de bibliotecas públicas, que são meios que exercem grande influência neste sentido.

Considerando estes fatores, o adulto possui um papel relevante e decisivo, podendo contribuir positiva ou negativamente na iniciação dos indivíduos mais jovens na prática da leitura, a ponto de esta prática se transformar, ao longo dos anos, em prazer ou em um grande desprazer, impedindo a leitura de tornar-se uma experiência familiar e frequente na vida destes indivíduos.

O educador, tanto no ambiente escolar como em outros âmbitos, pode proporcionar às crianças desde cedo, experiências dinâmicas de incentivo à leitura, não somente como um processo de decodificação de signos linguísticos, mas como um meio de crescimento, de transformação, contribuindo para que se tornem sujeitos ativos e autônomos, para que exerçam e participem de diferentes práticas de leitura, familiarizando-se com diferentes formas e diferentes suportes e espaços de leitura.

Sendo do senso comum ou tendo um caráter científico, sendo para fruição ou para atender a obrigação profissional, sendo para aprimoramento intelectual ou religiosa e pessoal, por meio de leituras orientadas e incentivadas, torna-se possível ao indivíduo reformular ou ampliar seus conhecimentos, fazendo uso de diferentes suportes e para diferentes finalidades. O educador pode, através do trabalho com qualquer gênero de texto, subsidiar seus alunos para que estes interpretem, compreendam e explorem ao máximo a leitura a que se propõem a fazer. Para Bamberger,

O processo de transformar símbolos gráficos em conceitos intelectuais exige grande atividade do cérebro; durante o processo de armazenagem da leitura, coloca-se em funcionamento um número infinito de células cerebrais. A combinação de unidades de pensamento em sentenças e estruturas mais amplas de linguagem constitui, ao mesmo tempo, um processo cognitivo e um processo de linguagem. A contínua repetição desse processo resulta num treinamento cognitivo de qualidade especial. Esse treinamento cognitivo consiste em trazer à mente alguma coisa anteriormente percebida, e em antecipar, tendo por base a compreensão do texto precedente; a repetição aumenta e assegura o esforço intelectual. (BAMBERGER, 1987, p. 10).

A prática de leitura acaba se tornando uma forma de aprendizagem, que pode contribuir para o desenvolvimento da capacidade de aprender como um todo. O leitor cria diferentes relações com o texto, pode confrontar ideias, conhecer outras visões, comparar com seus conhecimentos prévios, desenvolver sua criatividade, sua capacidade assimilatória e de interpretação, entrar em contato com gêneros múltiplos e assim construir conhecimento e se sentir participante da cultura letrada contemporânea.

Para se compreender o mundo, a leitura é um instrumento essencial, que permite conhecimento e cultura. Indo além do ato de decodificar signos linguísticos, uma boa leitura pode proporcionar informações, aprendizado para a vida, brincadeira, entretenimento, uma maior compreensão e reflexão sobre assuntos importantes. Enfim, pode colaborar para o crescimento e desenvolvimento pessoal. Ao ler, o indivíduo pode transformar-se e também transforma aquilo que lhe é apresentado, pois a leitura não é assimilada de forma totalmente passiva. A partir do que é visto, ouvido, lido, novos significados se formam e uma nova ressignificação é reelaborada, sendo esta a prática da leitura como ação contínua. Ler não é somente o encontro cognitivo do leitor com o texto, mas também a modificação, a criação de novos gestos, valores, habilidades, ligados a esta prática, aprendidos e ensinados nas comunidades historicamente situadas no tempo e espaço.

Ler, na perspectiva de Chartier (2001), é produção de sentidos, de interpretação, uma forma de compreender os inúmeros modos de cultura, as várias formas de expressão em lugares diferentes. A leitura pode assim ser considerada histórica; inúmeros grupos sociais, ao se apropriarem de diferentes textos e de inúmeros suportes, compartilham gestos, procedimentos, estratégias, costumes, técnicas. Em suas comunidades, os leitores constroem suas práticas com disposições específicas, formas de ler, modos de interpretar, compreender, expectativas que são comuns aos seus leitores. Neste sentido, os leitores participam de comunidades distintas entre eles. Uma comunidade de leitores formada em torno do livro de literatura, experiencia na leitura uma prática estética e linguística. Uma experiência relevante, que deve ser ensinada e incentivada, um compromisso que deve ser assumido pelos educadores.

CAPITULO II - Literatura infantil brasileira

A) Contexto histórico

No século XVI, era comum o pensamento de que a criança deveria ser afastada de todos os objetos culturais e, de acordo com Zilberman (1985), este pensamento ainda se faz presente no mundo contemporâneo, ainda que de forma atenuada. Naquele contexto mais distante, os livros não eram produzidos para as crianças, pois as mesmas eram consideradas como adultos em miniatura, compartilhando de forma igual o mesmo espaço dos mais velhos, uma vez que ainda não existia o conceito de infância.

Somente a partir da Contra Reforma obras essencialmente destinadas à criança foram surgindo. Neste período, segundo Cunha (1986), as características específicas da infância foram evidenciadas e a criança passou a ser considerada diferente do adulto, com necessidades próprias, sendo repensado o seu espaço, os objetos a ela dirigidos, a forma desta ser tratada, a construção, enfim, de uma nova afetividade entre as pessoas.

Edmir Perroti (1986) afirma que a literatura, desde a Antiguidade, foi entendida como veículo de transmissão de valores, de informação. Na Idade Média, a utilização da literatura buscava evidenciar seu efeito moral e estético. Os primeiros textos para crianças foram escritos no final do século XVII e meados do século XVIII. Por meio das “fábulas”, presentes nos principais livros infantis da época, os valores eram transmitidos e uma “lição de moral” era passada, uma vez que havia a necessidade de educar a nova geração e introduzi-la nos moldes civilizatórios que se impunham. Desta maneira, a literatura era utilizada para manter o domínio sobre a criança, sendo o compromisso com a pedagogia reforçado cada vez mais.

A autora Nelly Novaes Coelho (1991) comenta que apesar da literatura infantil se destinar às crianças, na verdade esta nasceu destinada aos adultos, e que certas obras que ficaram famosas como literatura para adultos, por meio de um processo de adaptação se tornaram entretenimento para crianças. As obras que se tornaram clássicos da literatura infantil nasceram no meio popular ou em um meio culto e só depois, através das adaptações, se popularizaram.

Sendo assim, antes de serem literatura infantil, eram consideradas literatura popular, havendo a preocupação com a transmissão de valores a serem respeitados e incorporados pela comunidade. Para Coelho (1991), pesquisas mostram que essa literatura inaugural surgiu através do mito, da lenda, exaltando o maravilhoso. Segundo a autora, o popular e o infantil se identificam entre si devido a uma consciência primária

na apreensão do eu interior ou da realidade exterior, no qual as relações são estabelecidas por meio dos sentidos, das emoções:

Em outras palavras, no povo (ou no homem primitivo) e na criança, o Conhecimento da realidade se dá através do sensível, do emotivo, da intuição... e não através do racional ou da inteligência intelectual, como acontece com a mente adulta e culta. Em ambos predomina o pensamento mágico, com sua lógica própria. Daí que o popular e o infantil se sintam atraídos pelas mesmas realidades. (COELHO, 1991, p. 36)

Para Chartier (1999), no século XVII e XVIII a educação da criança não era formadora e sim punitiva, moralizante. Isso se refletia também na literatura, que transmitia tais princípios moralizantes, através da apresentação de personagens ideais, cheios de qualidades, sem nenhum defeito; heróis que deveriam ser imitados, por serem possuidores de virtudes admiráveis. No decorrer da história, de acordo com as atitudes dos personagens, estes recebiam castigos e prêmios, explicitando ainda mais os valores que deveriam ser imitados, numa clara tentativa de diferenciar o que era certo do que era errado, procurando assim disciplinar a criança, de modo a levá-la a escolher o bom caminho.

Com o passar do tempo, uma nova visão da criança vai surgindo; a ideia de infância vai mudando, a preocupação com a mesma e com as necessidades infantis vão aumentando, o que acaba se refletindo também na literatura. Os livros perdem um pouco seu caráter disciplinador e o lazer e a diversão vão surgindo nas histórias infantis, porém a “lição de moral” não deixa de ocupar seu espaço. Deste modo, os livros vão ganhando o intuito de divertir, mas sem deixar de procurar também integrar a criança à moral social vigente.

No Brasil, a partir do final do século XIX, foram publicados os primeiros livros nacionais direcionados às crianças; antes disto, as publicações infantis para nossas crianças eram em grande parte representadas por edições *portuguesas*, sendo irregulares e precárias. Estes primeiros livros nacionais eram adaptações ou traduções de títulos europeus para o português, através das quais as obras estrangeiras eram “abrasileiradas”, trazendo muitas vezes textos que estavam em desacordo com os usos e costumes da época, tornando bastante conservador este início da literatura infantil em nosso país. Em contrapartida, com as adaptações e traduções das obras estrangeiras, as crianças puderam finalmente ter um contato inicial maior com os livros, sendo então possível que estes adentrassem o universo infantil.

Com o passar do tempo uma quantidade maior e diversificada de livros infantis surge e, obtendo êxito junto ao público, impulsiona a produção da literatura infantil como um gênero destinado à criança, incentivado por pais e professores.

Para Penteado (2001, p. 34) a preocupação com o público infantil motivava a adaptação da literatura, procurando assim afastá-la de padrões linguísticos lusitanos, visto que a literatura infantil de início apresentava um contrassenso, pois era notável a diferenciação entre o idioma falado no Brasil e em Portugal, e muitas vezes as crianças tinham dificuldade em decifrar os livros e o significado de algumas palavras e expressões dos textos traduzidos e adaptados. Buscou-se então, neste momento, uma produção literária brasileira, que pudesse ser compreendida pelas crianças brasileiras.

De acordo com Penteado (2001), no século XX a literatura infantil, juntamente com a escola, foram instrumentos muito utilizados para disseminar ideias em um Brasil que atravessava um período de transformações sociais e econômicas, sempre em busca de modernização. Com isso, o elo entre a literatura infantil e a escola vai crescendo e esta acaba por se vincular a problemas vividos pela instituição escolar. Os pedagogos começam a se preocupar com a qualidade das obras literárias, e a relevância da literatura para a formação da criança vai sendo evidenciada.

Seguindo uma ideologia europeia, as manifestações literárias passaram a ter o papel de educar o público infantil, enfatizando a moralidade, a pedagogia, tendo um caráter utilitarista, o que acabava interferindo, na maioria das vezes, na parte estética das produções. Sendo assim, o conteúdo dos livros prendia-se às “lições” que deveriam ser transmitidas e aprendidas pelo leitor infantil. Gurgeira (2007) comenta que entre os temas principais desenvolvidos pelos autores estavam o patriotismo, o amor, o respeito e obediência à família e aos mais velhos, a dedicação à escola e ao trabalho, a prática de virtudes civis, etc.

Alguns destes livros fizeram ainda uma alusão a episódios e heróis brasileiros, exaltando a natureza, um dos símbolos mais difundidos da nacionalidade brasileira. Geralmente, seus protagonistas eram crianças cujas imagens eram estereotipadas, quer como virtuosas, quer como cruéis. Por fim, houve uma grande preocupação com o escrever corretamente a língua nacional (outro símbolo da pátria), o que impediu a representação linguística “realista” na fala de personagens infantis e não-escolarizadas. Tudo isso confirma, então, o compromisso dessa literatura com um projeto político e pedagógico que acreditava na reprodução passiva de comportamentos, atitudes e valores que os textos apresentavam. (GURGEIRA, 2007, p. 9)

A partir dos anos 20, vê-se um crescimento muito grande de publicações literárias para crianças, aumentando assim significativamente o número de autores, obras, publicações, fazendo crescer o interesse das editoras em explorar este mercado. Neste período, muitos autores ligaram suas obras à temática escolar, a questões de saúde, higiene, modos e comportamentos considerados adequados na sociedade, como por exemplo, Érico Veríssimo com a publicação da cartilha *Meu ABC* (1936) e *Aventuras no mundo da higiene* (1939), contendo lições sobre higiene pessoal e saúde. Estas mesmas questões de interesse escolar também foram abordadas por Cecília Meireles em *Rute e Alberto resolveram ser turistas* (1938) e *A festa das Letras* (1937), este último escrito juntamente com o médico Josué de Castro. Seguindo esta linha, Marques Rebelo também escreve *ABC de João e Maria e Tabuada de João e Maria*.

Nos anos de 1950 e 1960 ainda era muito reduzido o número de escritores que produziam literatura infantil, uma vez que a técnica e a orientação de muitos deles não era dirigida especificamente para as crianças. O crítico literário Afrânio Coutinho, em sua obra “A literatura no Brasil”, aponta a literatura desta época como “pretensamente infantil”, com escritores que, na maioria das vezes, “*também* escrevem para crianças, não raro acidentalmente”, ressaltando que poucos deles possuíam técnica e orientação para tanto sendo que muitos deles, inclusive, não conseguiam vivenciar a sensibilidade das crianças.

Segundo Penteado (2001, p. 38), “seriam os ‘improvisadores’, dos quais resultam livros, às vezes de valor artístico, bem urdidos e bem encaminhados, mas falhos na intenção, na forma, no critério, na originalidade”.

No final dos anos 50, segundo Medeiros (2007), os vínculos com o nacionalismo anterior se mantiveram, pois a escola continuou sendo a grande aliada da literatura, entretanto, esta procurou se afastar de uma possível vulgarização, resultado de sua ligação com o popular indesejável. Entre os anos 60 e 70, multiplicam-se os materiais e linguagens presentes na literatura e esta acaba rompendo com a linearidade documental, porém sem perder o vínculo com a linha nacionalista, ocorrendo cada vez mais a associação entre literatura contemporânea e ambiente urbano.

Edmir Perrotti (1986) afirma que, apesar do crescimento de obras destinadas ao público infantil, até meados da década de 70 esteve presente nestas o compromisso de educar, de moldar as crianças a partir das ideias compatíveis com as do grupo dominante, deixando assim a parte estética em segundo plano, disciplinando a fantasia, a imaginação, a criatividade. Muitos autores, em suas publicações, voltavam-se para a

criação de textos que transitassem tanto dentro como fora da escola, textos que agradassem aos dois públicos, tanto às crianças como aos professores.

Afinal, para garantir o ingresso de suas obras nas escolas, os escritores precisavam da aceitação de editores e dos mestres, e sabiam que o grau de aceitação seria proporcional ao comprometimento da obra com o ideário em voga [...]. Assim, ao se disciplinar a literatura infantil, disciplinavam-se também as crianças que a consumiam em casa e nas instituições escolares, estreitando cada vez mais o vínculo entre literatura e pedagogia. (PENTEADO, 2001, p. 36).

Devido a esta ligação com a educação, tornava-se difícil fazer uma separação entre os livros de entretenimento e os livros de conhecimento e estudo, pois o modelo de literatura infantil era o livro útil e funcional, que possuía objetivos didáticos, que ensinava, ficando em segundo plano a qualidade artística da obra.

Sobre a literatura render sempre tributo à pedagogia, Cunha diz que:

Muitas obras feitas para crianças e ditas de literatura infantil não se desprendem de uma peculiaridade do discurso pedagógico: a redução da criança, notadamente pela facilitação artística (puerilidade) e pelo tom moralizador. Nesses casos, temos apenas uma pretensa literatura infantil, exatamente como, dentro da produção artística para adultos, existem também lamentáveis equívocos: há maus romances, maus poemas, maus contos. (CUNHA, 1986, p.22)

Segundo Cunha (1986), quando se entra em contato com um livro de literatura infantil, uma obra de arte que é composta por palavras, esta deverá se caracterizar por abrir possibilidades, por permitir vários níveis de leitura, a qual, por ser única e imprevisível, exige atenção e consciência tanto em relação ao conteúdo quanto em relação à forma. Ao ser portadora de múltiplos significados, esta obra não pode ter um caráter pedagógico, que encaminha o olhar da criança para determinada direção, levando-a a uma única interpretação, a somente um ponto de vista. A obra de literatura infantil deve abrir horizontes, estimulando a reflexão da criança, propondo a recriação, não estabelecendo a convergência, mas abrindo um leque de ideias, se encontrando nesta forma as possibilidades educativas.

A não ser pelo caso muito especial de Monteiro Lobato, talvez nosso escritor infantil mais consagrado, que revolucionou nossa literatura para crianças com a irreverência e alegria dos personagens do Sítio do Picapau Amarelo, na literatura infantil brasileira somente em 1970 surgem escritores que buscam renegar o papel de “pedagogos”, moralistas, e que passam a investir na linguagem como arte. É, então,

neste período, que é produzido um conjunto maior de obras preocupadas com o trabalho estético da linguagem, embora não tenha sido eliminada completamente a tendência pedagógica da mesma na produção como um todo.

Houve, portanto, o desenvolvimento de um comércio especializado e o incentivo à abertura de livrarias organizadas em função do público infantil, atraindo para o campo dos livros para crianças, um grande número de escritores e artistas gráficos, que se profissionalizaram no ramo. Além disso, muitos autores consagrados pela literatura não-infantil, aproveitaram a oportunidade de inserir-se nesse mercado promissor, o que trouxe para a literatura infantil, nomes como Mario Quintana, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes e Clarice Lispector. (GURGEIRA, 2007, p. 16)

Com o aumento do mercado e o crescimento do público leitor daí decorrente, muitos autores e livros vão surgindo, até mesmo a produção de séries, com obras que repetem cenários e personagens. Há também, neste período, um “abrandamento da atitude escolar frente a livros não imediatamente formativos nem edificantes” (Gurgeira, 2007, p. 17). Com isso, os temas da literatura vão se multiplicando, passando a abordar questões consideradas tabus, criticando a poluição que afeta a natureza, o extermínio dos índios, a repressão ao choro do menino, a separação conjugal, o preconceito, a crítica ao autoritarismo, aos valores conservadores e maniqueístas.

Entre as obras que podem ser citadas como representantes desta vertente, estão “*A fada que tinha idéias*” (1971) e “*Soprinho*” (1973), escritas por Fernanda Lopes de Almeida. Também Ana Maria Machado publica “*História meio ao contrário*” (1979), na qual retorna à linhagem dos contos de fadas, revendo questões, discutindo valores presentes nestas obras, invertendo situações. Ruth Rocha publica, também neste período, o livro “*Marcelo, Marmelo, Martelo*”, no qual a arbitrariedade do signo linguístico é questionada, temática discutida em seu próximo livro, “*O reizinho mandão*” (1978), que faz uma reflexão sobre o poder da linguagem frente ao poder. Também, Marina Colasanti publica “*Uma idéia toda azul*”, retomando assim o fantástico na história, dialogando com os contos de fada, mas ao mesmo tempo fazendo a contestação deste acervo (Gurgeira, 2007).

Neste período, também se observa que os aspectos gráficos, vão se tornando elementos autônomos no texto, não aparecendo mais como uma ilustração ou simples reforço da linguagem verbal. Um exemplo são as obras de Ziraldo como “*Flicts*” (1969), “*O menino maluquinho*” (1980), “*Chapeuzinho amarelo*” (1979), de Chico Buarque, e “*Domingo de manhã*” (1976), de Juarez Machado.

Segundo Gurgeira (2007), a revalorização da cultura popular e das raízes orais é retomada por alguns autores que trabalham o folclore de forma intensa em suas obras, entre eles Ziraldo, que escreve “*Turma do Pererê*” (1972); Walmir Ayala, que trabalha o folclore e a poesia em “*Histórias dos índios no Brasil*” (1971), “*O burrinho e a água*” (1982) e também Ana Maria Machado com “*Bem do seu Tamanho*” (1980) e “*De olho nas penas*” (1980).

Era comum no período dos anos 70 a produção de um gênero contestador, que se prolongou pela década de 80, e se juntou a outra tendência nos anos 90: a releitura de contos tradicionais, como “*O mistério de Feiurinha*”, de Pedro Bandeira; o fortalecimento da produção caracterizada como de ficção realista, a denúncia de problemas sociais, como “*Você viu meu pai por aí?*” (1987), de Charles Kiefer; o questionamento de valores, como, por exemplo, o casamento, em “*Uxa, ora fada, ora bruxa*” (1985) de Sylvia Orthof, entre outros.

Marina Colasanti, por meio de uma narrativa intimista, traz a questão da emancipação feminina em “*Doze reis e a moça do labirinto do vento*” (1982), enquanto Ruth Rocha trabalha os papéis sociais do homem e da mulher em “*Procurando firme*” e “*Faca sem ponta, galinha sem pé*”.

Segundo Gurgeira (2007), nesta época os profissionais da área começam a fazer uma maior reflexão sobre a literatura infantil e juvenil e o papel por ela desempenhado, e assim caminhos são apontados, tendências são expressas e diretrizes vão sendo detectadas.

Trata-se de um tempo de amadurecimento de idéias e de posicionamentos sobre a literatura. Assim, a literatura infantil e juvenil é comentada com certa frequência na mídia impressa, em artigos de autores como Laura Sandroni, Edmir Perrotti, Fanny Abramovich, Tatiana Belinky, Marisa Lajolo, Regina Zilberman, entre outros. (Gurgeira, 2007, p. 23)

Neste contexto, os anos 90 chegam repletos de produções, havendo assim obras distintas, que atendem a diferentes gostos. Nas escolas, neste período, já se encontravam muitos livros, tanto didáticos como de literatura e “com o aumento dos gêneros também aumentam os motivos para as crianças lerem, onde estas podem fazê-lo, para se informar, se distrair, rezar, aprender o alfabeto, entre outros.” (Medeiros, 2007, p. 22). Os projetos editoriais dos livros passam além do convencional e surgem livros de pano, de plástico, com dobraduras, em *braille*, entre outros.

Essa diversidade de livros de literatura vem crescendo cada vez mais e, para Couto (2005), o mercado editorial, quer seja pela qualidade das obras publicadas, pela criatividade dos autores ou pelas inovações gráficas tem um público infantil garantido e frequente, até mesmo no caso daquelas produções que, de acordo com os críticos, não possuem tanta qualidade literária.

Atualmente, a literatura destinada às crianças não vem a ser encontrada somente em livrarias, mas também em variadas bibliotecas, como as escolares, tanto da rede particular como das escolas públicas. Como muitos livros são distribuídos gratuitamente por programas governamentais de incentivo à leitura, assim torna-se possível encontrar obras de Clarice Lispector, Ruth Rocha, Marina Colasanti, Eva Funary, Roseana Murray, Cecília Meireles, Ricardo Azevedo, Bartolomeu Campos Queirós, Ziraldo, Lygia B. Nunes, Ana Maria Machado, entre outros autores, que contribuem de forma relevante para o desenvolvimento da literatura infantil brasileira.

B) A poesia infantil

Dentro deste contexto literário, a poesia representa um tema relevante. Nascida no fim do século XIX e se expandindo no início do século XX, a poesia infantil brasileira surge ligada à educação, buscando contribuir para formar o cidadão, para formar indivíduos de bons sentimentos. Nesse sentido, segundo Coelho (1991), eram comuns festividades patrióticas ou familiares nas quais a poesia era recitada, trazendo o sentimentalismo que a caracterizava. Na escola, fazia parte do sistema educativo a memorização de poemas que eram declamados em aula, em datas comemorativas.

A intenção educativa, atribuída à literatura para crianças, favorece a divulgação dos poemas narrativos e exemplares, que incentivam a formação de bons sentimentos (pátrios, filiais, fraternais, caridosos, generosos, de obediência, etc.). (COELHO, 1991, p. 202)

No Brasil, os primeiros modelos de poesia infantil, que estavam presentes em cartilhas ou livros de leitura, eram portugueses, dentre os quais o mais importante em questão de influência, foi o de João de Deus, autor de uma das cartilhas mais difundidas no Brasil do início do século. Entre os pioneiros da poesia infantil brasileira, Coelho (1991) destaca: Francisca Júlia, Zalina Rolim e Maria Eugênia Celso, que demonstraram grande preocupação com a formação das crianças neste período inicial da

poesia no país e, principalmente, Olavo Bilac, que com suas inúmeras obras deixou um legado muito importante para a poesia nacional.

Cecília Meireles, com sua forte ligação com a educação, começa a partir dos anos 30 a escrever poemas infantis. Estes são a princípio divulgados na imprensa e em manuais escolares. Gurgeira (2007) enfatiza a importância da obra infantil de Cecília Meireles, autora, entre outros, do livro de poemas infantis “*Ou isto ou Aquilo*”:

Em sua obra, a autora conseguiu manter a pureza do olhar infantil e a sua capacidade sempre renovada de se encantar com as coisas simples do mundo. No entanto, apesar de sua poesia inspirar-se no cotidiano, ela mantém a sua profundidade. Assim, Meireles consegue manter em suas poesias infantis, a profunda efusão lírica de seus poemas não-infantis. (GURGEIRA, 2007, p. 24)

A poesia ao chegar ao leitor, vem sempre acompanhada de um suporte que lhe é dado, de um gênero, não existindo de forma abstrata, nem desmaterializada. O poema pode vir acompanhado de outro poema, de uma ilustração, de questões, perguntas, de um projeto, de um outro texto, propondo coisas diferentes, atividades diversas, interpretações múltiplas, que dão um norte a sua leitura. A poesia possibilita, através de sua leitura, vivências que podem não ser comuns ao seu leitor, pois permite criar e recriar, dá liberdade. É considerado um gênero que traz singularidade e, sendo assim, possibilita à criança experimentar as potencialidades lúdicas da língua, descobrindo novos sentidos e diversos modos de nomeação, que irão medir seu conhecimento do mundo.

Em relação a essa peculiaridade de uso artístico da palavra, em oposição ao uso concreto e denotativo presente na linguagem informativa, Cunha afirma que

Com a palavra-arte dá-se o contrário: ela é essencialmente conotativa. Quanto mais multívoca, quanto mais possibilidades de interpretação ela criar, mais será uma palavra poética. Não se pretende, por isso mesmo, à igualdade de interpretação. (CUNHA, 1986, p. 42)

Um exemplo deste uso criativo da linguagem pode ser encontrado na obra infantil de Vinicius de Moraes, poeta que deixou obras notórias na música popular brasileira, e que ao escrever para crianças coloca em seus poemas o ludismo, a ingenuidade do olhar antigo, pontos essenciais para uma melhor comunicação com o público infantil. É o que ocorre em sua obra “*A arca de Noé*” (1971), onde o autor demonstra sensibilidade e lirismo.

A criança pode, entre outras expectativas, querer sonhar com um livro que lhe traduza suas inquietudes, que permita que seus interesses sejam saciados ou movimentados, que suas impressões sejam surpreendidas. Entretanto, nem sempre é possível encontrar a poesia no formato ideal que agrada ao público infantil. Segundo Mistral (1935, apud Jesualdo, 1982, p. 15):

O que acontece na poesia é muito grave [...], um absurdo que poderíamos chamar de balbúcio de docentes, o primário em vez do primordial, o chiste em lugar da graça, o bobo mostrado como simples. Poucas baboseiras existirão como esta poesia a meio caminho entre a doutrinação e a espontaneidade.

A poesia, conforme Amarilha (1997) tem a capacidade de ser um instrumento de estímulo intelectual, formação cognitiva e estética e provedora de prazer ao leitor, devendo neste sentido ser aproveitada.

Um outro poeta que também pareceu compreender essa capacidade transformadora da poesia foi o gaúcho Mario Quintana, consagrado poeta brasileiro, que destaca em suas obras o modo de sentir básico da criança e sua maneira de apreender o mundo. Gurgeira (2007) comenta que “ainda no projeto de incorporação do cotidiano infantil, a obra deste autor recebe importância pela recuperação de modinhas infantis, canções de ninar e brincadeiras de roda, que estabelecem com o leitor infantil a cumplicidade de linguagem e de repertório cultural.” (p. 25) Entre os grandes sucessos deste autor estão “*O batalhão das letras*”, “*Sapato florido*” e “*Pé de pilão*”.

Nos anos 60, segundo Gurgeira (2007), a poesia desenvolveu-se bastante, não somente pela quantidade de obras que foram sendo publicadas, mas também no aspecto qualitativo, se desligando do recorte didático e pedagógico de antes.

O ponto de encontro entre o poeta e a criança, na poesia infantil contemporânea, ocorre ou pela tematização do cotidiano infantil, ou pela adoção, por parte do autor, de um ponto de vista que compartilha com seus pequenos leitores a anticonvencionalidade, quer da linguagem, quer do recorte da realidade, como sucede, por exemplo, no poema “A casa”, de Vinícius, que foge a representação mimética do real, criando um universo fantástico e quase surrealista. (LAJOLO E ZILBERMAN, 1985, p. 148)

Dos anos 80 em diante, vão surgindo outros autores, entre eles Elza Beatriz, Elias José, Antonieta Dias de Moraes, Sérgio Caparelli, Marcus Accioly, Tatiana

Belinsky, que em suas obras recriam o estilo nordestino dos cantadores, trabalham questões culturais, o folclore nacional e internacional (Gurgeira, 2007).

Conforme afirma Frota (1976), o impacto das forças naturais, que na poesia aparecem condensadas, causam impressões de grande porte para a criança no início da leitura. A poesia é seu idioma natural e como a criança é instintiva, ela não necessita de intérprete. Sendo assim, “o ideal seria mesmo que os textos que complementassem a alfabetização fossem feitos pelos bons poetas, para que mais tarde as palavras permanecessem sempre para o adulto a alegria da descoberta do mundo através da sua nomeação” (Frota, 1976).

CAPÍTULO III – Arte literária ou pedagógica?¹

“A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização” (Coelho, 1991, p. 24)

A literatura infantil possui a mesma natureza da literatura destinada a adultos, a diferença que a singulariza é o leitor a que ela se dirige: a criança.

De acordo com Coelho (1991), é recente a conquista da valorização da literatura infantil como fenômeno significativo e de amplo alcance na formação da mente infantil e da vida cultural das sociedades.

Apesar da prática literária ser considerada como produtora de sentidos e interpretações múltiplas, produzida entre a liberdade e a criação do leitor, “independente” das intenções dos autores, e apesar também das inúmeras estratégias editoriais e textuais que buscam orientar o sentido “mais correto”, de acordo com Molina (1987, *apud* Couto, 2005, p. 26), em princípio, todo livro presta-se a ser utilizado para fins didáticos, objetivando ensinar algo a alguém e com uma situação estruturada; contudo, isso não significa que todo e qualquer livro utilizado para tais fins possa ser considerado como didático.

Por muitos anos os livros eram classificados de acordo com sua função pedagógica; sendo assim, havia aqueles que buscavam ensinar a ler e outros que buscavam formar o gosto pela leitura.

Esta controvérsia persegue a literatura como gênero, desde o início de seu surgimento, tendo suas raízes na Antiguidade Clássica. De acordo com Coelho (1991), neste período já se discutia a natureza da própria literatura, questionando-se se esta deveria ser considerada atividade didática ou lúdica; seguindo estas idéias, levantou-se também o questionamento quanto à função da literatura infantil, ou seja, se a finalidade dela deveria ser instruir ou divertir.

Para muitos autores, a literatura infantil é considerada arte, essencialmente arte, com poder e beleza, tendo uma capacidade dinâmica de criação, de vida. Entretanto, ela também pode ser encontrada na área diretamente ligada à educação, à pedagogia, sendo

¹ Título inspirado no livro “Literatura Infanto-Juvenil: arte ou pedagogia moral?”, de autoria de Norma Sandra de Almeida Ferreira: São Paulo: Cortez, 1982.

destinada às atividades escolares, utilizada por educadores como um auxílio ao aprendizado.

Segundo Coelho (1991), ao analisar grandes obras que foram definidas como literatura infantil, nota-se nelas a presença da arte e da pedagogia.

Sob esse aspecto, podemos dizer que, como “objeto” que provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo, “modifica” a consciência-de-mundo de seu leitor, a Literatura Infantil é Arte. Por outro lado, como “instrumento” manipulado por uma intenção “educativa”, ela se inscreve na área da Pedagogia. (COELHO, 1991, p. 42)

A questão do livro que, envolto em uma história, visa ensinar, transmitir um conteúdo direta ou indiretamente, passar informações, parece ter suas origens no início do século XX no Brasil. Em 1910, é escrito por Olavo Bilac e Manuel Bonfim o livro “*Através do Brasil*”, que, segundo, Gurgeira (2007), foi um dos livros de leitura que marcou a história dos impressos escolares no Brasil. A obra, através de uma narrativa ficcional, traz informações sobre o país, a população, a cultura de várias regiões, a geografia local e, em meio a tudo isso, busca transmitir um conjunto de valores morais e cívicos.

Nascido como segundo livro de leitura para as escolas brasileiras, a obra “*A menina do Narizinho Arrebitado*” (1921) de Monteiro Lobato, representa também um marco na história do livro de leitura destinado a crianças e estudantes, inclusive por romper com o modelo anterior, que priorizava a literatura dita “utilitária”. Já as obras, “*Aritmética da Emília*”, do mesmo Monteiro Lobato, e “*O homem que calculava*” de Malba Tahan, são, de acordo com Gurgeira (2007), precursores dos livros paradidáticos de Matemática, devido a suas características e usos. De modo semelhante, o livro de Monteiro Lobato, “*Emília no país da gramática*” (1943), se destaca como primeiro livro escolar brasileiro que buscou ensinar questões gramaticais por meio de uma história, de um enredo.

Entretanto, apesar de muitas obras surgirem neste formato voltado para um uso escolar, é somente nos anos 70 que se cria uma nomeação específica para estes livros, que passam a ser chamados de livros “paradidáticos”, pois são “(...) obras que são usadas para ensinar conteúdos curriculares de maneira diferente dos livros didáticos, conteúdos estes que costumam ser de áreas em que os estudantes têm dificuldades (...)” (Gurgeira, 2007, p. 27).

Couto (2005) ressalta que os livros paradidáticos são obras que buscam ensinar os conteúdos de modo diferente dos livros didáticos e por isso fazem uso de histórias, jogos e até brincadeiras, sendo usados como complementação do livro didático ou das atividades desenvolvidas na sala de aula.

Com isso, os paradidáticos surgem como um novo produto cultural que objetiva atender a demanda do público leitor, crianças que frequentam a escola.

Este termo apareceu pela primeira vez no âmbito da Editora Ática. Esta Editora foi ainda pioneira na produção de tais livros, lançando no mercado a *Série Bom Livro*, no início da década de 70 e a coleção *Para Gostar de Ler*, na década de 80, ambas destinadas à área de Língua Portuguesa. Essa editora criou, assim, a primeira coleção de paradidáticos destinada a auxiliar o ensino de Língua Portuguesa com obras já existentes na literatura brasileira clássica, porém, acompanhadas de um suplemento de atividades para o estudante e de outro especialmente elaborado para o professor, com todas as respostas prontas, além de orientação didática e metodológica. Eram, então, livros de literatura didatizados para circular no universo escolar, independente de sua origem enquanto uma categoria não escolar. (GURGEIRA, 2007, p. 27)

Segundo Melo (2004), a diferença principal entre os livros didáticos e os paradidáticos não está necessariamente no conteúdo que é tratado, mas sim no projeto gráfico. A formatação de tais livros é diferente da do livro didático, se aproximando do formato da literatura infanto-juvenil, que também está voltada para o público infantil e que é muitas vezes utilizada na escola.

Entre as características dos livros paradidáticos está a questão da preocupação pedagógica, que se sobressai às intenções estéticas e literárias. Melo (2004) comenta as diferenças entre uma obra de literatura infantil e um livro paradidático: na primeira, a literatura aparece como arte que utiliza o recurso da ficção, havendo um cuidado especial com a questão estética, diretamente ligada ao discurso poético e à subjetividade; já no caso do livro paradidático, apesar de também utilizar a ficção, é utilitarista, porque busca apenas informar, transmitir uma lição, trabalhar certos conteúdos, geralmente ligados às matérias do currículo regular, servindo assim, de algum modo, como complemento do livro didático.

Neste contexto, Zilberman (1994), define a literatura, ressaltando como esta deveria ser:

Aproveitada em sala de aula na sua natureza ficcional, que aponta um conhecimento do mundo, e não enquanto súdita do ensino de boas maneiras (de se comportar e ser ou de falar e escrever), ela se apresenta como o

elemento propulsor que levará a escola à ruptura com a educação contraditória e tradicional. A justificativa que legitima o uso do livro na escola nasce, de um lado, da relação que estabelece com o seu leitor, convertendo-o num ser crítico perante sua circunstância, e de outro, do papel transformador que pode exercer dentro do ensino, trazendo-o para a realidade ao estudante e não submetendo este último a um ambiente rarefeito do qual foi suprimida toda a referência concreta. (ZILBERMAN, 1994, p. 26).

Neste sentido, apesar da literatura infantil estar relacionada à escola e esta apropriar-se de textos literários para fins pedagógicos, escolarizando a literatura, um livro literário vai além do âmbito da escola, da sala de aula, e alcança crianças e também adultos, pois, conforme Cunha (1986),

Essas reflexões nos levaram a algum tempo a sugerir que a literatura infantil não só existe, como também é mais abrangente (apesar do adjetivo restritivo da expressão); na realidade, toda a obra literária para crianças pode ser lida (e reconhecida como obra de arte, embora eventualmente não agrade, como ocorre com qualquer obra) pelo adulto: ela é também para crianças. A literatura para adultos, ao contrário, só serve a eles. É, portanto, menos abrangente do que a infantil. (CUNHA, 1986, p. 24).

Sobre o caráter pedagógico na literatura infantil, Coelho (1991) afirma que a radicalização da tendência de compreender a literatura infantil somente como uma forma de entretenimento é negativa:

Por um lado, porque se a literatura resultar de um ato criador, forçosamente essa dicotomia não se coloca, pois as duas intenções estarão ali fundidas. E, por outro lado, porque, dentro do sistema de vida contemporânea (pressionado pela imagem, pela velocidade, pela superficialidade dos contatos humanos e da comunicação cada vez mais rápida e aparente...), acreditamos que a Literatura (para crianças ou para adultos) precisa urgentemente ser descoberta, muito menos como mero entretenimento (pois deste se encarregam com mais facilidade os meios de comunicação de massa), e muito mais como uma aventura espiritual que engaje o eu em uma experiência rica de Vida, Inteligência e Emoções. (COELHO, 1991, p.28)

O que se vê, portanto, é que apesar do papel da literatura, capaz de levar o leitor a fazer questionamentos, proporcionar emoções, despertar sentimentos, promover enriquecimento cultural, além de sugerir inúmeras possibilidades de sentidos, nota-se no âmbito educacional a presença de grande quantidade de obras identificadas como literárias, catalogadas em muitas bibliotecas como pertencentes ao campo da literatura infantil, mas que na verdade não deveriam figurar nesta seção. Entre os livros ditos literários, encontram-se muitos livros didáticos, paradidáticos, com diferenças que são por vezes leves, pequenas, discretas e, principalmente, difíceis de delimitar, já que,

segundo Gurgeira (2007) eles “se cruzam, se confundem e se distanciam quanto aos objetivos didáticos em seus projetos editoriais.” (p. 29)

CAPÍTULO IV – Os autores

A) Cecília Meireles

O artista tem a capacidade de pôr a nu o que está escondido, as paixões ocultas, a vertente noturna das coisas, o reverso dos signos, as diferentes contradições ideológicas e não apenas uma, criando um desacordo com o mundo e até mesmo consigo próprio. (FERREIRA, 1982, p. 139).

Cecília Meireles é uma escritora de grande relevância, sendo reconhecida pela crítica literária pela qualidade de sua obra poética e por sua importância no cenário da literatura brasileira, em especial da literatura infantil. Conforme Sena (2004), além de poetisa, foi uma figura feminina múltipla, sendo também professora, pesquisadora, escritora e jornalista atuante, ocupando, desta forma, uma posição de destaque na sociedade em sua época.

Em um tempo de grandes debates sobre a educação, Cecília Meireles aparece no cenário educacional no momento em que um novo projeto de educação, baseado em novas possibilidades educativas, reflete-se na formação do jovem leitor de literatura infantil.

Indo além da obra, Cecília Benevides de Carvalho Meireles nasceu em 07 de novembro de 1901, na Tijuca, Rio de Janeiro e faleceu em 09 de novembro de 1964. Perdeu os pais e irmãos logo cedo e teve uma infância solitária, sendo criada por sua avó materna, D. Jacinta Garcia Benevides, que tinha origem açoriana e lhe permitiu um contato com o mítico e o folclore, além de uma intimidade com assuntos como a morte, o que fez com que ela compreendesse desde cedo as relações entre o Efêmero e o Eterno.

Minha infância de menina sozinha deu-me duas coisas que parecem negativas, e foram sempre positivas para mim: silêncio e solidão. Essa foi sempre a área da minha vida. Área mágica, onde os caleidoscópios inventavam fabulosos mundos geométricos, onde os relógios revelavam o segredo do seu mecanismo, e as bonecas o jogo de seu olhar. (DAMASCENO, 1987, *apud* SENA, 2004)

Formada pela Escola Normal do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, em 1917, foi professora nos diversos níveis de ensino. Cecília teve forte ligação com o Magistério e conheceu os problemas educacionais de seu tempo; foi nos anos 20 que

começou a escrever para crianças. O encantamento e fascínio que os livros lhe trouxeram fizeram com que trilhasse seu caminho em direção à educação e ao ensino, se interessando tanto pela leitura quanto pela escrita.

Segundo Sena (2004), Cecília Meireles, tendo como enfoque a Literatura e a Educação, também se manifestou no campo jornalístico, literário, educacional, artístico e político. Por meio de trabalhos literários e jornalísticos, defendeu seus ideais de educação, recebendo destaque como uma das intelectuais signatárias do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932.

Em 1934, idealizou e fundou a primeira Biblioteca Pública Infantil Brasileira, a "Biblioteca Infantil do Distrito Federal", ou "Centro de Cultura Infantil do Pavilhão Mourisco", conseguindo assim materializar o ideal que possuía de formar leitores. Porém, a concretização deste sonho foi breve, pois sob a alegação de que continha livros perigosos para a formação da criança, a biblioteca foi fechada quatro anos após sua inauguração.

Entre os anos de 1930 e 1933, um período de grande interesse para a área educacional, quando se buscavam renovações e mudanças, Cecília atuou no jornal carioca "Diário de Notícias" como cronista e diretora de uma página sobre educação, espaço no qual ocorriam debates públicos sobre a escola, o ensino e os ideais do movimento da Escola Nova. Cecília acreditava na capacidade de repercussão que essas ideias teriam por meio da imprensa, e pensando em sua responsabilidade educativa, ocupou uma posição de destaque numa época em que a mulher não tinha voz e voto.

Segundo Malgadi (2001), por meio desta atuação como jornalista, Cecília encontrou um modo de fazer ressoar seus ideais, pois entendia a educação como um meio de intervir na sociedade e desejava que professores, ao ouvi-la, pudessem se posicionar sobre a educação e sua renovação.

Nas páginas do jornal, mantinha um diálogo com grandes pensadores e idealizadores da Reforma Educacional, entre eles Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Frota Pessoa. Entre a década de 30 e 60, esteve presente em jornais cariocas como "Diário de Notícias", "A Manhã", "A Nação" e no jornal paulista "O Estado de São Paulo". Entre os anos de 1919 e 1927, publicou em revistas como "Árvore Nova, Terra de Sol" e "Festa", e dirigiu, em 1936, a revista do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) "Travel in Brazil".

De acordo com Sena (2004), na vida pública, Cecília Meireles era considerada neste período a figura feminina com maior visibilidade, estando presente na mídia, em livros e em projetos variados.

Ainda segundo Sena (op. cit.), no início da década de 30, como pesquisadora, Cecília Meireles - a convite de um órgão oficial do governo - realizou um inquérito pedagógico chamado “Leituras Infantis” para o IPE (Instituto de Pesquisas Educacionais), levantando por meio da pesquisa informações sobre os livros que na época eram oferecidos às crianças, principalmente na escola, permitindo assim uma compreensão sobre a leitura na década de 30, o gosto das crianças, suas preferências, o conjunto de conhecimentos que possuíam sobre a arte de ler.

Apesar de ter consumido muito de seu tempo, Cecília Meireles via, através deste Inquérito, a possibilidade de conhecer melhor o leitor e suas expectativas, enxergando assim caminhos para a produção infantil, sendo ele um grande subsídio para os escritores que desejavam falar às crianças.

Conforme Pécaut (1990) afirma, Cecília Meireles possuía uma característica marcante nos intelectuais dos anos 20 e 30: sair do isolamento e privilegiar a ação, criando projetos de transformação social, no campo cultural e educacional, e foi, neste sentido, uma educadora que se envolveu de forma ampla com a pedagogia moderna. Cecília acreditava que a vida deveria ser representada em sua plenitude e através de sua obra mostrou o mundo, os sentimentos, a criança, seu universo, falou sobre a vida e sua magnitude.

Sua obra é vasta e recebeu inúmeras premiações, entre elas a da Academia Brasileira de Letras pelo livro “Viagem” publicado em 1939 e em 1965, ano seguinte ao seu falecimento, recebeu da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra, o prêmio “Machado de Assis”.

Como poetisa, escreveu: “Espectros” (1917), *Nunca mais...* e *Poemas dos Poemas* (1923), “Baladas para El-Rei” (1925), “Cânticos” (1927), “A Festa das Letras” (1937), “Morena, Pena de Amor” (1939), “Viagem” (1939), “Vaga Música” (1942), “Mar Absoluto e Outros Poemas” (1945), “Retrato Natural” (1949), “Amor em Leonoreta” (1951), “Doze Noturnos da Holanda & O Aeronauta” (1952), “Romanceiro da Inconfidência” (1953), “Poemas Escritos na Índia” (1953), “Pequeno Oratório de Santa Clara” (1955), “Pistóia, Cemitério Militar Brasileiro” (1955), “Canções” (1956), “Poemas Italianos” (1953 - 1956), “Romance de Santa Cecília” (1957), “Oratório de Santa Maria Egípcíaca” (1957), “Metal Rosicler” (1960), “Solombra”

(1963), “*Sonhos*” (1950 - 1963), “*Poemas de Viagens*” (1940 - 1964), “*O Estudante Empírico*” (1969 - 1964), “*Ou Isto ou Aquilo*” (1964), “*Crônica Trovada da Cidade de Sam Sebastiam*” (1965), “*Dispersos*” (1918 - 1964). Na década de 50, Cecília Meireles escreveu a obra “*Problemas da Literatura Infantil*” que foi pioneira no estudo sobre a literatura infantil no Brasil e muito importante para se ter uma visão histórico-pedagógica sobre o tema.

Em sua obra, Cecília demonstrou sempre um pensamento atuante, com ações renovadoras, tendo a ideia da criança como uma criatura humana, com forças e fraquezas, condenando tudo que não contribuísse para seu desenvolvimento natural.

Cecília viveu em um período de inquietude, de transformações, e trouxe de forma brilhante a sua contribuição para a arte, a educação, a criança. Era uma sonhadora, que almejava mudanças e lutava por isso através de sua literatura, sonhando com uma leitura e um leitor infantil.

Para Sena (2004, p. 10), “Alto, baixo, acima ou em redor de nós, suas palavras voam e nos levam ao lirismo, a caminhar entre o efêmero e o eterno, e à descoberta de um mundo de imagens, sons e sentidos de uma poética universalizante”.

A escritora destacou a necessidade de escrever especialmente para as crianças, se preocupando com o desenvolvimento destas, com sua formação; assim sendo, escreveu artigos jornalísticos, pronunciou conferências, escreveu poesias, livros, peças teatrais e cantigas de roda, fazendo de sua produção literária, principalmente a direcionada à infância, uma referência para os educadores.

Para Cecília, era essencial conhecer o gosto do público infantil para então escrever para ele; neste sentido, Sena (2010) especifica:

É neste ideário que Cecília Meireles, também educadora, aponta para um conhecimento da infância como uma etapa respeitável da vida, apresentando-nos uma ideia de infância não como de adulto em miniatura (leitores pequenos), mas como aquele que vive uma fase com especificidades, fase esta que está sendo delineada e que merece livros, literatura destinada a ela, uma fase que precisa ser respeitada. Era preciso outra escrita para esta nova infância, um novo modelo de ensino da leitura, coerente com esta nova sociedade que a reforma desejava construir. Não se tratava de se ensinar como a “velha pedagogia” havia feito, mas de compreender novos valores como coletividade, a importância de servir à pátria através do trabalho e a valorização do cidadão comum. (SENA, 2010, p. 28)

Obras Dirigidas ao Público Infantil

Lançado em 1924 e reeditado em 1927, Cecília escreveu “*Criança meu amor*”, um livro para o público infantil, que embora tivesse um lado didático, possuía também preocupações estéticas e literárias. Este livro foi adotado pela Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal e aprovado pelo Conselho Superior de Ensino de Minas Gerais e Pernambuco. Neste livro, através de versos simples, Cecília Meireles conferiu um tom coloquial às expressões, buscando um diálogo com o leitor, tendo como objetivo despertar a sensibilidade dos estudantes e concretizar um ideal pedagógico voltado à formação ética dos indivíduos. Conforme destaca Sena (2010), em um tempo de valorização da cultura moral e cívica, Cecília apresenta em um trecho do livro, através de uma escrita poética, o dever da criança para com a escola:

Devo Amar a Escola, como se fosse o meu Lar.
Entrei na escola pequenino e ignorante: mas hei de estudar com amor, para vir a ser um
homem instruído e um homem de bem.
A escola abrigou-me tão cuidadosamente como se fosse a casa de meus pais.
A escola deu-me horas de alegria, sempre que me esforcei trabalhando.
A escola conhece o meu coração, conhece os meus sonhos, conhece os meus desejos.
E só quero ter desejos e sonhos bons, nesta casa que respeito como um lugar sagrado, em que a gente fica em meditação, para se tornar melhor.
(MEIRELES, 1977, p. 19).

Este livro possui versos simples e, segundo Sena (2010), diferencia-se dos outros tipos de livros didáticos dos anos 30, compostos por: seletas, antologias, excertos dos cânones. Nele, a autora busca estabelecer um diálogo com o leitor e conferir um tom coloquial às expressões. Percebe-se, ainda, que Cecília demonstra aí seu ideal pedagógico, seu desejo de que os estudantes tenham uma sensibilidade desenvolvida e uma formação ética adequada.

Em 1937, juntamente com o médico Josué de Castro, Cecília Meireles lança o livro didático “*A Festa das Letras*” (1996), o primeiro volume da série “*Alimentação*” organizado pela Livraria Globo. Em um período em que se buscava criar hábitos saudáveis, a obra fazia parte de uma campanha nacional em busca de melhores condições de saúde, higiene, alimentação. Por meio de uma linguagem acessível aos pequenos, o livro buscava ensinar bons hábitos alimentares a crianças de diferentes idades, ofertando a elas os preceitos básicos de higiene alimentar de uma forma didática, utilizando as letras do alfabeto para apresentar os alimentos às crianças.

Outra obra ligada à educação é o livro “*Rute e Alberto Resolveram ser Turistas*”, que foi publicado em 1939, pela Globo de Porto Alegre. O livro foi adotado pelas escolas públicas no ensino de Ciências Sociais, e depois, segundo Lôbo (2002), foi em Boston, no ano de 1945, adaptado para o ensino da Língua Portuguesa.

“*Ou Isto ou Aquilo*” (1990) é o primeiro livro de poemas infantis publicados pela autora, que resultou numa obra prima da poesia infantil, cheio de sensibilidade, de ludismo, uma obra preocupada com a estética, que resulta num profundo humanismo. Na primeira publicação, o livro era composto por 20 poemas destinados a crianças, fazendo parte da coleção Giroflê-Girafila, criada pela Editora Giroflê, em São Paulo, no ano de 1964. Cinco anos depois, uma segunda parte foi incorporada à obra, composta por 36 novos poemas, dando ao livro então o título de “*Ou Isto ou Aquilo e Inéditos*”. É comum nestes poemas a presença de uma linguagem que instiga a curiosidade e permite a produção de sentidos diversos, por meio da exploração dos sons, com uma poesia que se relaciona com as tradições e manifestações da cultura popular.

Profundamente sensível aos mil e um acontecimentos da vida e aos valores da linguagem poética que tocam a criança, Cecília Meireles explora-os com mão de mestre. Todos os minipoemas que integram o volume “*Ou Isto ou Aquilo*” são preciosas invenções de poesia e alegria de viver. (COELHO, 1991, p. 216)

A obra é considerada um clássico, lida há mais de 40 anos, servindo de inspiração para autores de literatura infantil e educadores preocupados em fazer uso da poesia em suas atividades.

B) Josué de Castro

Em uma busca rápida pela internet, digitando o nome de “Josué de Castro” é possível encontrar o *site* oficial do autor* que nos traz informações sobre sua vida, história e obras. Tal *site* possivelmente tenha sido criado no ano de 2008, anos em que ocorreu o "centenário de Josué de Castro", como afirma a página inicial.

É possível encontrar, neste *site*, vários depoimentos de pessoas reconhecidas no cenário intelectual expressando sua admiração pelo homem que Josué de Castro foi. Nestes depoimentos, o destaque é dado a sua brilhante inteligência, sua ação política para construir um Brasil melhor e, principalmente, por ter sido um dos pioneiros no

combate à fome e à miséria em nosso país. Vejamos abaixo algumas dessas opiniões retiradas do *site* através do link "biografia":

"Acho que foi ele que disse: - existe fome no Brasil. Ele que deu à fome o estatuto político e científico quando levantou essa questão." "... este é um crime político que a ditadura militar tem que debitar na sua imensa conta. A morte dele no exílio." **BETINHO**, Sociólogo

"O, Josué, nunca vi tamanha desgraça. Quanto mais miséria tem, mais o urubu ameaça..." "... tem que saber p'ra onde corre o rio, tem que saber seguir o leito, tem que estar informado, tem que saber quem é Josué de Castro,...rapaz!" **CHICO SCIENCE**

"A Geografia da Fome ficará como uma das grandes obras do após guerra, sobretudo pela metodologia. A idéia que os grandes problemas sociais - e a fome é um deles - têm que ser mapeados." **IGNACY SACHS**, Diretor de Estudos do EHESS – França

"Josué é uma das pessoas que eu mais admirei. Eu digo mesmo que Josué é o homem mais inteligente e mais brilhante que eu conheci." "... o diabo é que me dava uma inveja enorme - Josué era brilhante em todas as línguas... Incrível!" "... mas isso do intelectual mais eminente do país, a figura mais importante do território brasileiro, a mais visível... esse, ser levado à morte em tristeza, querendo vir..." **DARCY RIBEIRO**

"Ele era apenas um brasileiro - um grande brasileiro. Um cientista, um escritor, um homem público, devotado à sua pátria, ao seu povo..." "...Sabia da injustiça, das nossas mazelas, sabia da fome... e como sabia da fome!" **JORGE AMADO**

"Um dos traços fundamentais de Josué de Castro era a sua clarividência. A clarividência é uma virtude que se adquire pela intuição, mas sobretudo pelo estudo. É tentar ver a parte do presente que se projeta no futuro." **MILTON SANTOS**, Geógrafo
(disponível em <http://josuedecastro.com.br>, acesso em janeiro/2012)

Ainda, segundo o *site* oficial do autor, Josué de Castro teve uma vida marcante, uma obra reconhecida - com livros traduzidos em mais de 25 idiomas e duas indicações para o Prêmio Nobel da Paz - um indivíduo que marcou a história, defendeu uma causa e travou uma luta a ser seguida e admirada por todos. Suas ideias o levaram a ser conhecido e respeitado em todo o mundo. Destacou-se como médico, professor, geógrafo, escritor, sociólogo e político, um revolucionário com idéias audaciosas para sua época. A maior bandeira da sua luta era contra a fome. Unindo os dois lados de sua formação acadêmica, medicina e filosofia, Josué de Castro constatou que a fome estava entre as calamidades menos estudadas do mundo, se comparado aos estudos sobre as guerras e epidemias, e assim, se dispôs a produzir uma vasta obra sobre este tema, a discutir, enfrentar e defender esta causa.

Devido ao caráter inovador de seus estudos, conquistou projeção internacional como um dos grandes especialistas no assunto, tornando-se impossível discutir o problema da fome sem ter como base sua produção, que envolve artigos, ensaios, palestras e trabalhos científicos.

Josué Apolônio de Castro nasceu no Recife, em 05 de setembro de 1908. Cresceu numa região próxima aos mangues da cidade, região habitada por retirantes e caranguejos. Viveu no Recife e estudou Medicina na Bahia, graduando-se no Rio de Janeiro em 1929. Formado, retorna ao Recife para trabalhar na Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, porém, com a Revolução de 1930, acabou se desvinculando do emprego na Secretaria de Educação e passa então a clinicar no Recife.

Neste mesmo período, é contratado por uma fábrica para examinar os trabalhadores que apresentavam problemas de saúde não identificados, com a suspeita de serem proletários indolentes. Ao examiná-los, Josué de Castro constata que o problema daqueles trabalhadores era a fome, a doença que possuíam era a falta de uma alimentação correta. Ao denunciar isto acabou sendo demitido da fábrica e pôde então ter a visão inicial da dimensão social da doença.

Assim sendo, em 1932 realiza o que seria posteriormente uma das bases para a formulação do salário mínimo, um Inquérito Sobre as Condições de Vida das Classes Operárias no Recife, inquérito pioneiro no Brasil, que tratava da produtividade relacionada com a alimentação do trabalhador. Josué passa assim a chefiar uma comissão que estudava as condições de vida dos operários brasileiros.

Em 1934, casa-se com Glauce Rego Pinto, parceira que o acompanhou durante toda a vida, e com ela tem três filhos: Josué Fernando de Castro, Anna Maria de Castro e Sonia de Castro Duval.

Muda-se para o Rio de Janeiro em 1935 e presta concurso para o cargo de Professor Titular em Geografia Humana da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, tendo como seu primeiro trabalho publicado como professor, a tese para o concurso de Professor Titular em Geografia Humana, denominada “*Fatores da localização da Cidade do Recife*”.

Neste período, Josué de Castro passa a ter atuação destacada em políticas públicas, no movimento que apoiava a instituição do salário mínimo, que passa a vigorar em 1940 por decreto-lei de Getúlio Vargas, na fundação dos *Arquivos Brasileiros de Nutrição*, editados sob a responsabilidade do Serviço Técnico da Alimentação Nacional e da *Nutrition Foundation de New York*, em 1941; na fundação

da Sociedade Brasileira de Alimentação, em 1940, constituída de futuros dirigentes do Serviço de Alimentação da Previdência Social – SAPS, criado em agosto do mesmo ano por iniciativa do Ministério do Trabalho Indústria e Comércio.

É convidado pelo governo da Argentina, em 1942, para estudar problemas de nutrição e alimentação naquele país. Com o mesmo intuito, é também convidado, em 1943, pelos Estados Unidos, e pelo México e República Dominicana, em 1945.

Josué de Castro torna-se professor catedrático da cadeira de “Nutrição” do curso de Sanitaristas do Departamento Nacional de Saúde em 1943, e é também designado diretor do Serviço Técnico de Alimentação Nacional (STAN), substituído, em 1945, pela Comissão Nacional de Alimentação (CNA), que Josué de Castro dirigiu até 1954.

Em 1946, o reconhecido livro “*Geografia da Fome*” é escrito por Josué de Castro, no qual apresentou um dos mais profundos estudos brasileiros sobre a insegurança alimentar presente no Brasil, principalmente nas regiões Norte e Nordeste, defendendo a ideia de que a fome não era um problema natural, mas sim resultado das ações e escolhas dos homens e da forma como dirigiam seus países.

Foi eleito deputado federal por Pernambuco em 1955 e 1959. Trabalhou com projetos relacionados a questões agrárias, educacionais, culturais e econômicas, defendendo também a regulamentação da profissão de Nutricionista, por meio do ensino superior de Nutrição, e defendendo o projeto para a reforma agrária.

Em 1952, foi eleito, por representantes de setenta países, Presidente do Conselho Executivo da FAO (Organismo das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação), exercendo o cargo até 1956, enfrentando neste período a oposição de países desenvolvidos à execução de projetos ligados à melhoria de países do terceiro mundo.

Em 1957, Josué de Castro fundou a ASCOFAM (Associação Mundial de Luta Contra Fome). Ele ansiava por despertar nas pessoas a consciência do problema da fome e miséria; neste sentido, promovia projetos demonstrativos de que a fome poderia ser vencida e abolida através da luta e da força de vontade dos homens.

Em 1962, Josué de Castro ocupou o cargo de embaixador do Brasil na ONU (Organização das Nações Unidas).

A partir de 1964, devido ao regime militar que se instalou no Brasil, teve seus direitos políticos cassados. Impedido de voltar ao país, passa a viver na França, morando em Paris, onde continuou suas atividades intelectuais. Foi professor universitário, cargo no qual o governo francês o designou professor estrangeiro associado ao Centro Universitário Experimental de Vincennes (Universidade de Paris

VIII), lecionou na Sorbonne, fundou e dirigiu o Centro Internacional para o Desenvolvimento, foi presidente da Associação Médica Internacional para o Estudo das Condições de Vida e Saúde.

Encontramos entre as suas principais obras: *O Problema Fisiológico da Alimentação no Brasil*, *O Problema da Alimentação no Brasi*, *Condições de Vida das Classes Operárias do Recife*, *Alimentação e Raça*, *Therapeutica Dietética do Diabete*, *Documentário do Nordeste*, *A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana*, *Fisiologia dos Tabus*, *Geografia Humana*, *Alimentazione e Acclimatazione Umana nel Tropici*, *Geografia da Fome: A Fome no Brasil*, *La Alimentación en los Tropico*, *Fatores de Localização da Cidade do Recife*, *Geopolítica da Fome*, *A Cidade do Recife: Ensaio de Geografia Humana*, *Três Personagens*, *O Livro Negro da Fome*, *Ensaio de Geografia Humana*, *Ensaio de Biologia Social*, *Sete Palmos de Terra e um Caixão*, *Ensayos sobre el Sub-Desarrollo, ¿Adonde va la América Latina?*, *Homens e Caranguejos*, *A Explosão Demográfica e a Fome no Mundo*, *El Hambre - Problema Universal*, *Latin American Radicalism*, *A Estratégia do Desenvolvimento*, *Mensajes*, *Fome: um Tema Proibido - últimos escritos de Josué de Castro*, *Festa das Letras*.

Josué de Castro recebeu da Academia de Ciências Políticas dos Estados Unidos o Prêmio Franklin D. Roosevelt, Grande Medalha da Cidade de Paris, Grande Cruz do Mérito Médico no Brasil, prêmio José Veríssimo da Academia Brasileira de Letras, o Conselho Mundial da Paz lhe ofereceu o Prêmio Internacional da Paz e o governo francês o condecorou como Oficial da Legião de Honra. Foi indicado em 1954 para o premio Nobel de Medicina, e nos anos de 1963 e 1970, ao Nobel da Paz.

Josué de Castro é considerado um homem de múltiplos saberes, que não se deteve na teoria, mas buscava ações, meios de contribuir, para que o mundo fosse um lugar melhor, mais justo, se preocupando sempre com os menos favorecidos, tendo como combate maior a luta contra a fome e suas consequências.

Josué de Castro, com sua vida marcante, influenciou a nação brasileira e teve grande projeção em muitos países, além de médico, escritor, político, professor, cientista social, dedicou tempo e talento para defender seus ideais acreditando que o verdadeiro e mais importante desenvolvimento a ser buscado deveria ser o desenvolvimento humano. Como ele mesmo se denominava, foi um homem interessado no espetáculo do mundo.

Faleceu em 24 de setembro de 1973 e foi enterrado no cemitério São João Batista no Rio de Janeiro, sem ter voltado vivo ao Brasil e sem ter recebido oficialmente

e nominalmente a anistia. Declarou, em muitos momentos, a falta que sentia de seu país e que além das doenças, se morria também de saudade. Era grande a sua espera pelo passaporte que o traria de volta ao Brasil. Quando chegou, o documento não lhe servia mais.

CAPÍTULO V - O livro “A FESTA DAS LETRAS”

No Brasil, entre os séculos XIX e XX, aconteceram grandes mudanças no âmbito político, econômico e social. Os primeiros anos da República vieram acompanhados de muitos problemas e, de acordo com **Gondra** (2002), miséria, epidemias, doenças, fome, abortos, desemprego, infanticídios eram comuns. Desejando resolver tais questões, o país buscou a implementação de ações sociais e políticas que viessem de âmbitos e agentes distintos, se preocupando com a questão da educação escolar para as classes populares, visto que o analfabetismo, a mortalidade infantil e a desnutrição eram comuns na sociedade brasileira.

Segundo **Couto** (2005), o início da República e a Abolição da Escravatura trouxeram a necessidade da alfabetização em massa, de uma maior escolarização. Isso impulsionou a produção cultural destinada ao público infantil brasileiro e fez com que se desenvolvesse uma literatura infantil que, para **Zilberman** (1985), possuía o objetivo de dar voz e forma à representação da unidade e identidade da nação, divulgando assim o discurso da nova imagem do Brasil.

Neste contexto, tornou-se prática a produção de livros de leitura direcionados à escola, com textos incluídos no cotidiano escolar, dirigido às crianças. Tais obras possuíam um cunho nacionalista, desejando a modernização do país e buscando contribuir para a formação do futuro cidadão brasileiro. Neste sentido, conforme **Couto** (2005), a parceria de profissionais de diversas áreas foi construída, como a do escritor Olavo Bilac e Coelho Neto, que escreveram “Contos Pátrios” (1904); Júlia Lopes de Almeida, autora de “Histórias da Nossa Terra”, com do educador Manoel Bonfim, entre outros, produzindo obras que, vinculadas a diversas instituições, defendiam ideais utilitaristas, cívicos e nacionalistas.

Alguns livros infantis foram produzidos com o objetivo de trabalhar algum tema, de criar e cultivar bons hábitos, de colaborar com a alfabetização das crianças e com a aquisição de suas habilidades de leitura e escrita, contribuindo para a iniciação destas na leitura. Tais obras, ao acompanhar o primeiro contato da criança com a leitura, procuraram segui-la, muitas vezes com o intuito de no futuro poder proporcionar-lhe reflexões críticas, de forma individual ou coletiva, bem como colaborar com o processo de ensino e aprendizagem deste leitor.

Neste sentido, a Medicina e a Educação se uniram para regular o cotidiano educacional durante muitos anos, período durante o qual o discurso médico se fazia presente nas escolas brasileiras e a saúde e a educação do povo eram vistas como o modo mais eficaz de promover mudanças na sociedade, formando assim cidadãos educados, uma nação mais sã e, conseqüentemente, mais civilizada (Fernandes, Oliveira e Menezes, 2008).

Segundo o texto que abre a edição da obra “*A Festa das Letras*”, foi a convite da Editora Globo que se deu a união do médico Josué de Castro e da escritora e educadora Cecília Meireles, para escreverem um livro infantil destinado ao âmbito escolar. O livro faria parte de uma campanha de alimentação desenvolvida na época, a qual buscava suscitar o desenvolvimento de novos hábitos entre a população, como maior higienização, consumo de uma alimentação saudável e também a luta contra o analfabetismo. Em 1937, a primeira edição da obra intitulada “*A Festa das Letras*” é lançada por Cecília Meireles e Josué de Castro.

A Festa das Letras, lançado em 1937, foi o primeiro volume da Série Alimentação, que a Livraria Globo – antiga Globo de Porto Alegre, de Barcellos e Bertarso & Cia. – organizou a título de colaboração para uma campanha nacional da época. Os livros que compunham a série, dedicados ao assunto e adequados às várias faixas escolares, procurando aliar o rigor científico à graça e à simplicidade capazes de atrair a atenção do público infantil. Para isso foram convidados o Dr. Josué de Castro – médico e uma das maiores autoridades brasileiras em alimentação – e Cecília Meireles – poeta, cronista e educadora. (MEIRELES; CASTRO, 1996)

A obra “*A Festa das Letras*” é um livro dedicado a leitores em fase de aquisição da leitura, tendo sido editado inicialmente em 1937. É considerado como o primeiro livro da Série Alimentação. A Editora Nova Fronteira, após anos de ausência da obra no mercado, relança, em 1996, uma nova publicação, praticamente uma reprodução da edição original, a partir de um exemplar e das ilustrações que foram cedidos pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e pela Editora Globo.

O livro, composto por vinte e três poemas, no formato de um abecedário, buscava apresentar cada letra do alfabeto, trabalhando ao mesmo tempo, por meio de poemas, as questões de higiene e saúde discutidas naquele período histórico.

Segundo **Fernandes, Oliveira e Menezes** (2008), o médico Josué de Castro defendia a luta contra a fome, a desnutrição, a mortalidade, enquanto Cecília Meireles se preocupava com a educação, com a justiça social; desejava que a instrução e a

alfabetização atingissem as crianças das mais variadas classes sociais, inclusive as de origem economicamente mais desfavorecidas.

Embasados em um projeto que buscava trazer modernidade à sociedade brasileira, ressaltando a importância da conservação da saúde e do corpo para que as crianças se mantivessem em bom estado, **Fernandes, Oliveira e Menezes** (2008) acreditavam que o objetivo destas novas práticas difundidas pelo livro “*A Festa das Letras*” fosse alcançar crianças que ainda viviam em condição de desnutrição e, portanto, expostas ao risco de engrossarem as altas taxas de mortalidade infantil.

Desejando assim promover o combate aos problemas sociais causados pela má alimentação, pela falta de higiene e de informação sobre questões de saúde, o livro “*A Festa das Letras*” se ligava à ideia de sanitizar, civilizar e modernizar a realidade brasileira naquele período. Tendo a alimentação, a higiene e a saúde como temas principais, a obra abordava, por meio do alfabeto, do lúdico, das imagens e cores, questões importantes, trabalhando assim o que se considerava necessário para se entender noções sobre o que seria uma boa alimentação, a importância da digestão para o melhor funcionamento do corpo e a necessidade dos cuidados com a higiene, fator indispensável para uma vida saudável.

A obra, que está atrelada a um projeto educativo, se dedica às questões alimentares, buscando relacionar o rigor científico a um modo de expressão escrita simples, gracioso, que revela a ânsia de atrair e cativar o público infantil.

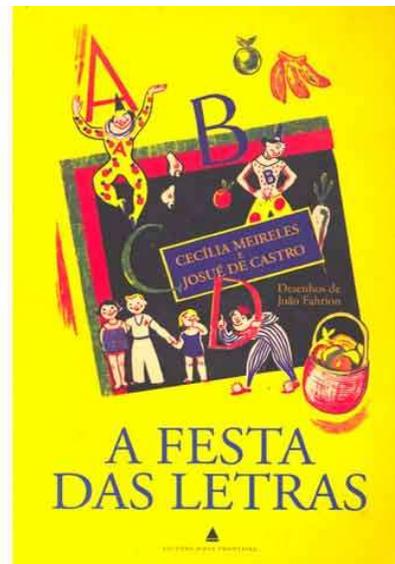
Os livros da Série Alimentação, que com este volume se inicia, têm por objetivo criar e cultivar os bons hábitos alimentares na criança, em suas várias fases de desenvolvimento. Neste primeiro volume, procurou-se apenas apresentar à criança os elementos essenciais, imprescindíveis a uma alimentação completa e harmônica, estimulando-lhe a simpatia por certos elementos insubstituíveis, com os quais ela não se encontra, em geral, familiarizada, ou pelos quais, em virtude de hábitos dominantes, não se acentua, como era de desejar, a sua preferência. (MEIRELES; CASTRO, 1996)

Neste sentido, os autores acreditavam que este tema deveria ser trabalhado de forma acessível, aproveitando o interesse infantil.; afirmavam que em busca de evitar “quando possível a monotonia das recomendações didáticas, a antipatia dos conselhos e a austeridade dos princípios científicos, procurou-se dar a este livro uma feição sugestiva e suave, com esse espírito recreativo que anima a infância, tão rica de imaginação e de ritmo.” (MEIRELES; CASTRO, 1996)

O livro “*A Festa das Letras*” - edição 1996 - apresenta um formato e dimensões retangulares, nas medidas 18 x 26 cm, já em sua 8ª impressão, pela editora Nova Fronteira, conforme podemos ver no centro inferior da capa. O livro não traz o número de páginas, mas em uma contagem manual, podemos identificar que no todo ele é composto por 50 páginas, não sendo, portanto, um livro demasiado grosso quanto ao volume de páginas. Cada letra do alfabeto ocupa duas páginas, e o texto é escrito em versos.

Um leitor interessado na obra pode lê-la rapidamente, pelo pouco número de páginas e quantidade de texto escrito. Mas também pode ler de forma não linear: pode buscar os poemas que lhe chamam mais a atenção, pode “ler” pela ilustração, pela letra do alfabeto, deixando a leitura corrida para ser retomada em outro momento.

A Capa



Como podemos ver, nas reproduções das capas das duas edições (1937; 1996), a segunda manteve-se semelhante à edição original, sofrendo somente algumas alterações na fonte das letras do título. Na primeira capa, o título está escrito com letra cursiva e há um jogo, uma montagem de uma letra de forma impressa que se une à cursiva. Já na edição que analisamos, o título vem com letras maiúsculas, de forma e na posição horizontal. A cor da capa é predominantemente amarela, estando as letras do título em azul. Os nomes dos autores aparecem em destaque no centro da capa do livro e logo

abaixo aparece, em um tamanho um pouco menor, na horizontal, o nome do ilustrador: “Desenhos de João Fahrion”. A chamada principal para o nome dos autores dá legitimidade à obra, podendo também ser vista como estratégia de sedução para o leitor adulto.

O título “*A Festa das Letras*” já anuncia na capa o conteúdo “escolar” que a obra pretende tematizar, tendo-se a ideia de que as letras do alfabeto serão abordadas. No entanto, o substantivo “Festa” sugere um tom menos didático, mais alegre, e cria uma expectativa: Que Festa seria esta?

As figuras da possível família (mãe, pai, criança), das letras (A, B, C, D) do alfabeto e dos alimentos, representam a temática central da obra e aparecem na capa de forma colorida, alegre e em movimento. As ilustrações são as mesmas que podemos ver na capa da edição anterior; são três palhaços, malabaristas, um homem, uma mulher, uma criança. Os palhaços usam roupas festivas, coloridas, com chapéu pontudo e uma letra estampada na roupa, numa composição que se repete no interior do livro, à medida que são apresentados os poemas.

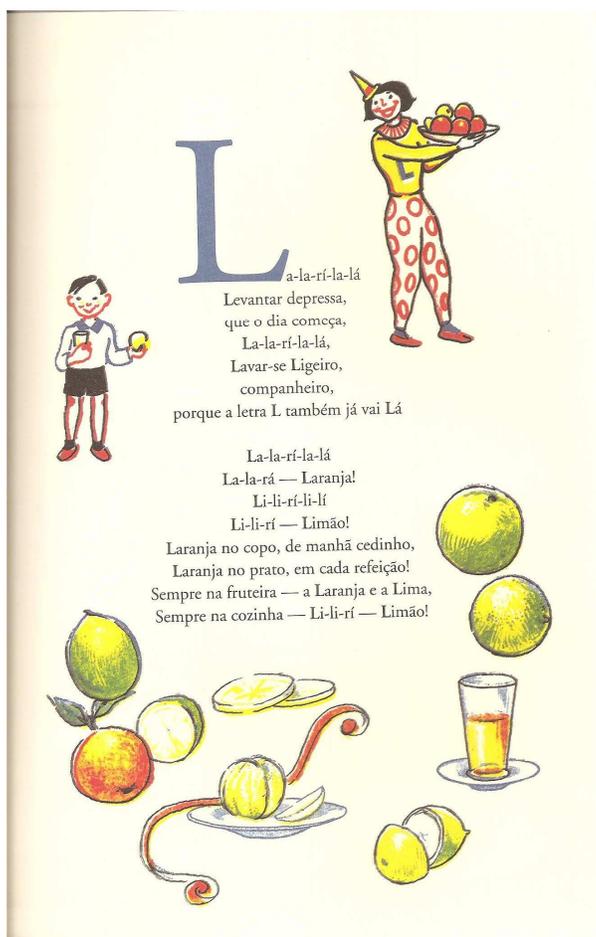
Tais figuras trazem no rosto uma expressão de alegria; parecem representar uma imagem de felicidade travessa, de curiosidade, dando a ideia de estarem mesmo em uma festa. Também está presente na capa a ideia de família, com um homem e uma mulher abraçados, segurando a mão de uma criança, todos com expressões alegres e um largo sorriso no rosto. Os alimentos, indicados pelo livro como saudáveis e essenciais para uma boa alimentação - banana, maçã, cenoura, caju, limão - aparecem espalhados por toda a capa. Personagens, frutas e letras “dançam” na capa, saem da moldura que traz informações, dão à obra jogo e movimento.

As ilustrações bastante chamativas, o colorido da capa, que lembra festa, feito a lápis de cor ou giz de cera, o tamanho e a forma das letras, o jogo entre frutas, letras, personagens, em um clima descontraído, são estratégias editoriais que buscam chamar a atenção e conquistar o público alvo, que são especialmente crianças que estão tendo contato com a literatura infantil e se iniciando na prática da leitura e escrita.

As ilustrações no interior do livro

Como já dissemos, as ilustrações originais foram mantidas e são de autoria de João Fahrion² ilustrador de livros infanto-juvenis publicados pela Editora Globo de Porto Alegre, no período de lançamento da obra *A Festa das Letras*.

Suas ilustrações demonstram um cuidado estético e um envolvimento com a temática do livro, buscando assim por meio de desenhos “penetrar” no espírito da narrativa. Os desenhos são caracterizados por traços simples e cores fortes e estão presentes em todas as páginas do livro, representando cada uma das letras e enfatizando os alimentos e os bons hábitos de higiene e saúde trabalhados nos poemas, apresentando assim na imagem usual, o conteúdo verbal, completando e contribuindo com a temática



dos versos.

Nota-se a qualidade da composição gráfica da obra, evidenciando a importância da parceria entre o autor e o ilustrador na busca pela ampliação do público leitor. Na relação entre a imagem e as palavras, as ilustrações de cada letra tornam-se bastante importantes.

A apresentação de alimentos e atitudes saudáveis, é feita sempre a partir da letra com que se iniciam, e que correspondem àquela que está sendo trabalhada em cada poema. Nesta perspectiva, as imagens reafirmam o que está escrito, mas

² **João Fahrion** (Porto Alegre, 4 de outubro de 1898 — Porto Alegre, 11 de agosto de 1970) foi um pintor, ilustrador, desenhista, gravador e professor brasileiro. Estudou em Amsterdam, Berlim e Munique e foi capista e ilustrador da *Revista do Globo* e de livros infantis publicados pela Editora Globo, nas décadas de 30 e 40. Sua obra é centrada nos retratos de membros da elite gaúcha e nas cenas de bastidores do teatro e do circo. (disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Fahrion, acesso em 10/01/2012)

percebe-se o trabalho de criação do ilustrador, que imprime alegria e festa aos poemas, uma vez que tudo na página parece sorrir, a começar pelas personagens: palhacinhos, símbolo da alegria. É importante lembrar que os desenhos, acompanhados sempre da apresentação gráfica das letras, possibilita à criança que ainda não sabe ler, inteirar-se do que se passa no desdobramento dos poemas.

Ao analisar a página que traz a letra “L”, nota-se praticamente estas mesmas disposições; as ilustrações retratam o que está sendo dito no poema: “La-la-rí-la-lá/ La-la-rá – Laranja!/ Li-li-rí-li-lí/ Li-li-rí – Limão(...)”. “L” para laranja, lima, limão, que aparecem reproduzidos nas imagens, que trazem inclusive um copo com o suco destas frutas.

A página é farta de ilustrações e cores, trazendo o palhaço carregando uma bandeja de frutas, frutas coloridas “dançando” pela página, um garoto segurando um copo de suco em uma mão e uma fruta na outra, enfim, elementos indicativos de uma vida saudável.

Como já mencionado anteriormente, as personagens, em cada um dos poemas que se sucedem ao longo das páginas, estampam no rosto expressões de surpresa, medo, expectativa, alegria, serenidade. Vemos um trecho da letra “F”, que ao convidar para festa (“Venha para a Festa/ que o F vai dar...), com folhas e frutas, alimentos que fazem bem à saúde, aparece um dos palhacinhos, personagem presente em todas as ilustrações, usando um chapéu festivo e trazendo um sorriso estampado no rosto, ao lado de uma cesta repleta de frutas e verduras.



Em um trecho da página que apresenta a letra “F”, o palhaço, antes sorridente, estampa uma expressão de tristeza e pesar, apesar da roupa de festa: ele está infeliz por causa da Indigestão, que o deixa muito Infeliz. A palavra indigestão remete às consequências de ingerir algo errado, de fazer más escolhas alimentares, o que tornou-se indesejado e ninguém mais o quis, pois indigestão não é algo bom, devendo ser evitada. O poema faz uma ponte com a palavra “Ignorante”, ligando a indigestão a uma atitude de ignorância, uma ação que não é inteligente, que deve ir embora, que não deve fazer parte da vida.

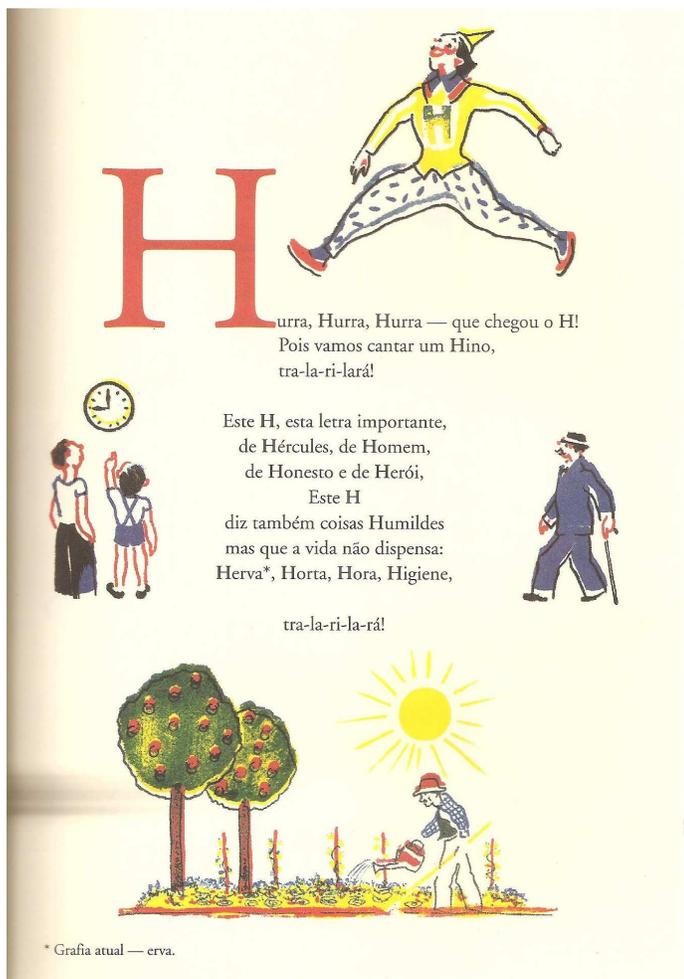


O livro traz poemas que brincam com a temática da alimentação saudável, fazendo um jogo com as palavras, através de rimas divertidas, como as feitas com a letra “E”:



Ao incentivar o exercício físico, hábito necessário para uma vida sadia, um dos pilares para a boa saúde do corpo, o palhaço aparece receptivo, feliz, em pé, saltando,

fazendo assim, de modo alegre, a sua propaganda de incentivo e, ao mesmo tempo, ao saltar, demonstra como se pratica uma atividade física.



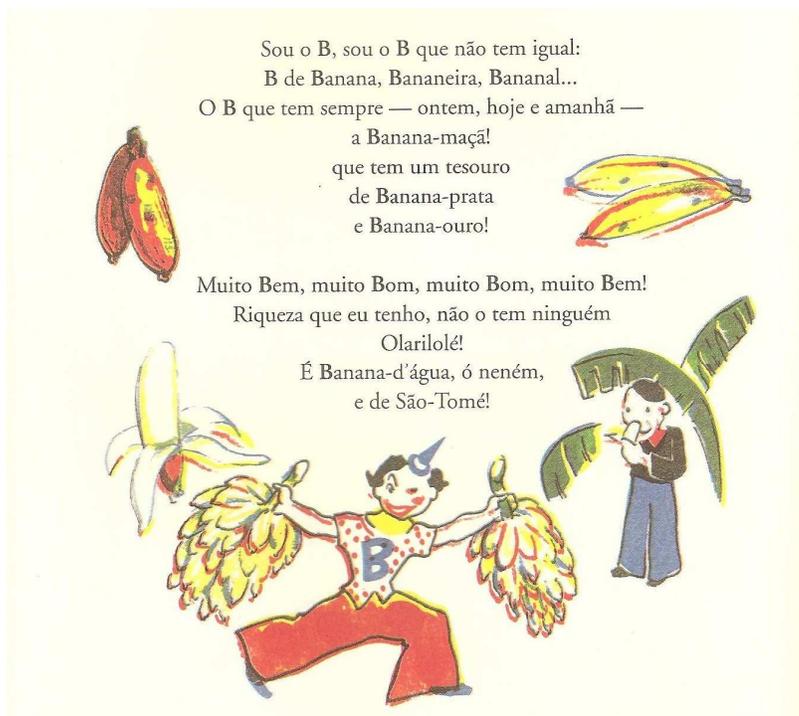
Na letra “H”, ao se ler o poema, este nos sugere musicalidade. Logo no início, o personagem nos dá a impressão de estar cantando, com muita vontade, soltando a voz, como sugerem os versos: “Pois vamos cantar um Hino, tra-la-ri-lará!”.

O “H” enfatiza o homem cheio de qualidades: honesto, herói. Ao mesmo tempo, que diz coisas fundamentais, importantíssimas, indispensáveis para uma vida saudável: herva (grafia atual - erva), horta, hora,

higiene.

As ilustrações destacam o relógio sendo observado por um homem e uma criança, o que remete à importância de se observar os horários (de refeição? Do sono?), relevantes em uma vida regulada pelos bons hábitos de saúde. Aparece também, em um desenho bem bonito, uma horta sendo regada; o homem vai aguçando as plantas, os vegetais tão preciosos para a saúde, cuidando da horta, tendo a presença do sol, que traz iluminação, que permite o crescimento da natureza e que é essencial ao ser humano. Costumes, hábitos, atitudes saudáveis é o que é apresentado aqui.

A letra “B”, ao ser apresentada, fala do que é do Bem, do que é Bom. Nota-se, no trecho retirado do poema, a banana em destaque:



A fruta aparece em toda a volta do poema, o palhaço, com calças largas, chapéu, cara pintada, provoca um efeito circense e festivo; com um olhar maroto, foge com dois cachos de banana na mão, o que se contrapõe ao gesto de oferecer alimentos, de carregar alimentos.

Também aparece um garoto comendo a fruta direto do pé, pois as folhas de bananeira estão logo atrás dele, demonstrando a importância da natureza e de se manter o contato com ela.

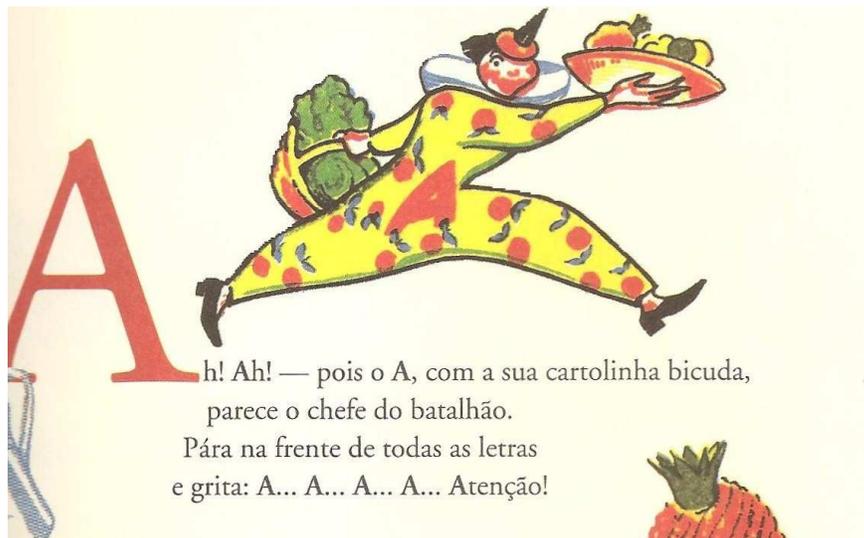
Todas estas expressões buscam cativar o público infantil e provocar humor e graça, chamando a atenção dos leitores. Temos a ideia de movimento e alegria em todas as letras apresentadas, o que em interação com os alimentos e hábitos saudáveis, se associam à representação de crianças ativas, não estáticas ou acomodadas; crianças felizes, que brincam porque se alimentam de forma saudável e têm hábitos considerados corretos.

Os exemplos de crianças saudáveis são inúmeros, e elas aparecem em diferentes cenários e jeitos. Às vezes, as crianças estão comendo fruta direto da árvore, outras tomam suco, puxam um carrinho de frutas; algumas aparecem brincando, pulando corda, com algum animal doméstico, outras se pesando em uma balança, tocando um instrumento musical, entre outros.

Segundo **Couto** (2005), ao se dirigir diretamente para um público que ainda está em fase de aquisição da leitura, o fato de toda a ação que ocorre no texto escrito ser repetida pela ilustração pode ser um indicativo da preocupação do projeto editorial em facilitar a assimilação da criança. Entretanto, para Zilberman “o paralelismo – a ação repetindo-se e sendo suplementarmente reiterada pela ilustração – prejudica o andamento da narrativa” (Zilberman, 1988, apud Couto, 2005) e, com isso, os sentidos e interpretações produzidos pela leitura dos versos podem ser limitados e empobrecidos.

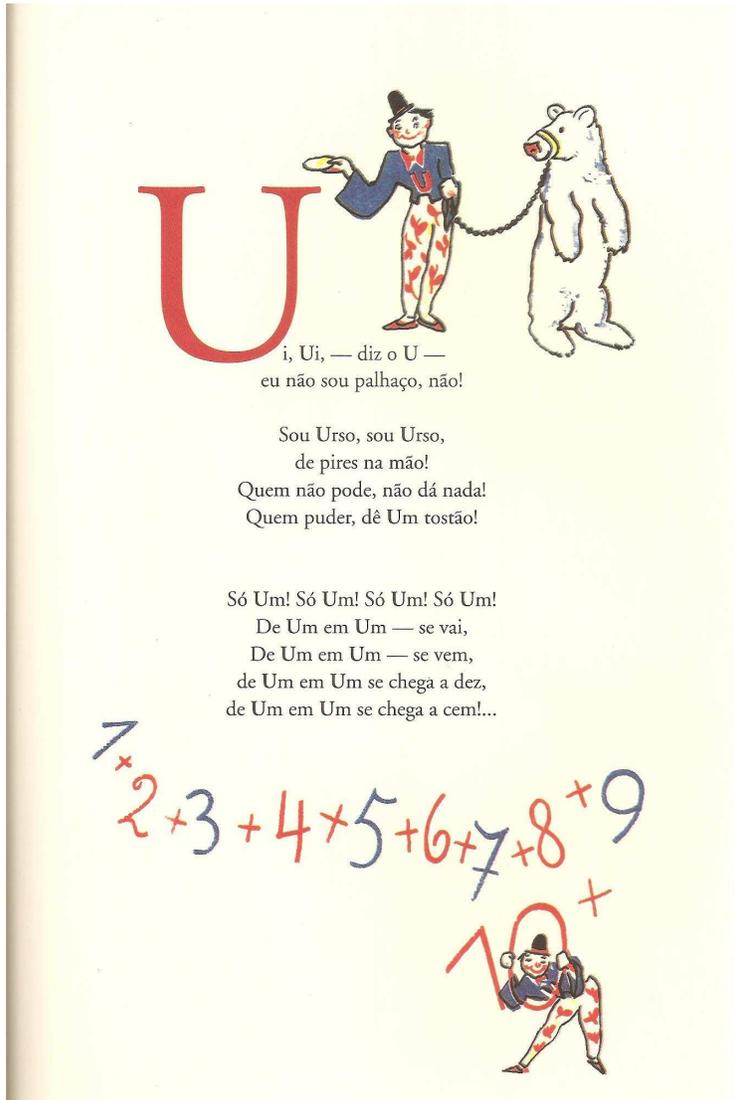
Ao se trabalhar o conteúdo dos poemas, as ilustrações vêm indicando o que está presente nos versos; as imagens aparecem de modo divertido, com traços simples, com movimento, cores vivas, com ilustrações que trazem humor e graça, envolvendo as personagens e crianças no espírito de festividade, como sugere o nome do livro.

A título de exemplificação, a página que inicia o livro – a que trata da letra “S”, traz esta letra, maiúscula, em vermelho, logo no canto superior da página. Em seguida, um dos palhacinhos da capa, em cuja roupa colorida aparece a letra “A” - aparece carregando um cesto de Alface e uma bandeja com frutas Amarelas. Em seguida, na lateral, vem um abacaxi, uma banana e outras frutas amarelas, tudo isso para ilustrar o poema impresso na página: “eu te dou a Água, eu te dou as Árvores/ e todas as belas/ frutas Amarelas,/ trago-te Apetite e Alimentação!”.



O “A”, o que vai na frente, chefe do batalhão, pede atenção e parece oferecer o alimento em uma bandeja, se destacando pela sua pose, cores, e alegria.

Podemos pensar que as ilustrações tão bem cuidadas para provocar o riso no leitor, para complementar a história contada com palavras, para permitir uma leitura apenas visual ainda que voltada para o público infantil, não trazem explicitamente o conteúdo de quem quer alfabetizar apresentando determinada família silábica. Na ilustração, o leitor pode “ler” sem decifrar letra por letra, palavra por palavra [...] participando assim da cultura letrada no folhear dos livros. (COUTO, 2005, p. 44)

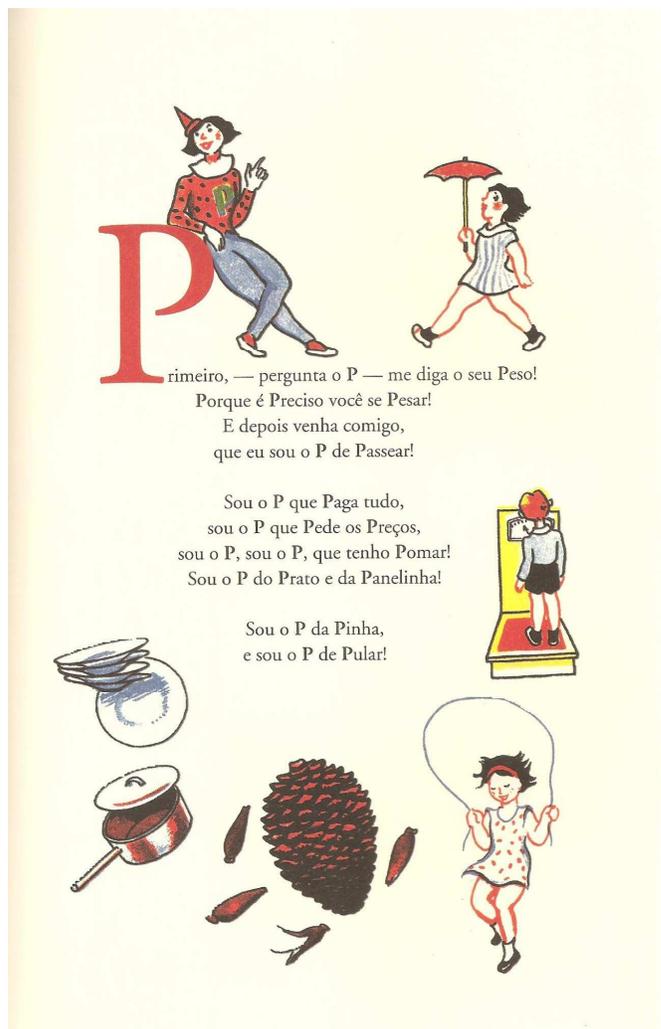


A letra “U”, do urso, traz o personagem circense, com roupa colorida, estampada, chapéu, face rosada, típico de um personagem de circo, que segura o urso – animal também presente em circos – em uma mão e na outra, carrega um pires, e em um gesto de “pedir”, recebe um tostão de quem puder dar. É nítida a musicalização dos versos, que lidos em voz alta, rimam e tratam do número “um” – número que se inicia com a letra em questão. Na parte inferior, os números até dez, com um palhaço em uma pose, em que aparece emoldurado pelo zero do

número 10. Mesmo uma criança que não sabe ler pode, por meio das ilustrações, compreender o que se diz nos versos, ser apresentada aos números, enfim, as ilustrações falam por si mesmas, pois possibilitam uma leitura visual.

Disposição Gráfica

O tipo de letra utilizado na impressão de todo o livro é a letra de forma ou de imprensa, que possui variações apenas quanto ao seu tamanho. Ao tratar cada letra do alfabeto, o poema é iniciado com a letra em questão sendo apresentada em primeiro plano, com um tamanho e cor diferentes do restante dos versos. A margem das páginas é larga e cada poema é bem centralizado, deixando à sua volta um grande espaço em branco. Entre os versos há um espaçamento, e a média é de aproximadamente 10 versos por página – havendo alguns poemas com estrofes bem menores, o que diminui muito o número de versos. Vemos abaixo a apresentação da letra “P”:



Tais marcas, presentes no texto, em sua concretização, tipologia, disposição, contribuem para tornar perceptível a compreensão dos objetivos pedagógicos que envolvem a obra. Apresenta elementos que demonstram a preocupação com o a idade

dos leitores aos quais o livro se destina, no caso crianças em fase de aquisição da leitura e da escrita.

Também o destaque dado às letras é coerente com o título da obra: “*A Festa das Letras*”, as quais ocupam um lugar de destaque na história, porque elas se relacionam diretamente com o nome das frutas, das hortaliças, das ações que estão sendo destacadas nos poemas.

No entanto, fica bastante evidente que ao tratar da poesia por meio das ilustrações, das personagens em festa, as intenções pedagógicas acabam ficando “camufladas”, permitindo que a obra se assemelhe a qualquer outra obra literária infantil, trazendo o lazer, o entretenimento, trabalhando com a imaginação, buscando cativar o leitor.

Texto Escrito

O livro é escrito em versos, com poemas curtos, em letra de forma, que apresentam, uma por uma, as letras do alfabeto e a temática alimentar, de saúde e higiene, ressaltando assim a intenção pedagógica que norteia a obra, conforme já comentamos.

As letras do alfabeto ganham destaque e, trabalhadas por meio de poemas, aparecem em maiúsculo e negrito, representando assim, de acordo com o artigo, a relação letras-palavras-significados. Usando o formato de cartilha, os autores vão apresentando, a partir de cada letra trabalhada, alimentos, gestos e ações que se iniciem com a letra em destaque, unindo assim a temática desenvolvida com a questão da alfabetização, que neste período histórico apresentava-se como uma grande problemática nacional.

Segundo **Chartier** (1996, *apud* Couto, 2005), mudanças e intervenções nos textos acabam ocorrendo em novas edições e novos projetos editoriais, na busca de remodelar a própria apresentação do texto, objetivando alcançar leitores que se deseja ou se pensa atingir. No entanto, nota-se que esta estratégia não se faz presente na obra “*A Festa das Letras*”, que mesmo após muitos anos de seu lançamento, apresenta uma nova edição praticamente facsimilada, mantendo o formato, o texto, as ilustrações.

Modificações ocorrem somente na capa - no formato das letras do título, como também pequenas alterações na ortografia do livro. Entretanto, apesar das reformas ortográficas da língua portuguesa, algumas grafias – como *herva*, em vez de *erva*, *xuxu*,

em vez de *chuchu*, – foram mantidas, buscando não degradar a estrutura original dos versos. Como exemplo, temos a letra H:

“**H**urra, **H**urra, **H**urra – que chegou o **H**!
Pois vamos cantar um **H**ino,
tra-la-ri-lará!

Este **H**, esta letra importante,
de **H**ércules, de **H**omem,
de **H**onesto e de **H**erói,
este **H**
diz também coisas **H**umildes
mas que a vida não dispensa:
Herva*, **H**orta, **H**ora, **H**igiene,
Tra-la-ri-la-rá! [...]” (Meireles e Castro, 1996)

A permanência de um projeto editorial praticamente igual ao da primeira edição e a não atualização ortográfica de algumas palavras, parece ser possível devido à projeção e reconhecimento literário que essa obra e esses autores conquistaram na história da literatura para crianças no Brasil.

Mudanças mais radicais poderiam descaracterizar não só o projeto inicialmente pensado pelos autores e editores da primeira edição, como nos impediriam de conhecer o contexto estético e político do momento em que a obra foi editada pela primeira vez.

Quanto ao caráter didático da obra, ele pode ser notado por meio de repetições fonéticas e gráficas que se fazem presentes de modo a facilitar a assimilação do alfabetizando através da comparação entre o visual e o sonoro. **Fernandes, Oliveira e Menezes** (2008) constatam, a partir de estudos de **Coelho** (1991) e **Zilberman** (2001), que até o século XX, o abecedário se fazia presente nos modelos literários de forma muito intensa e era utilizado por diversos escritores brasileiros, entre eles Erico Veríssimo, que lança no mesmo período o livro *Meu ABC*, pela Editora Globo, e que em 1939 publica pela mesma Editora Globo de Porto Alegre, *Aventuras no mundo da higiene*, um livro que fala sobre lições de higiene, de alimentação e de bons hábitos em

geral, evidenciando o fato de que esses temas eram preocupação constante entre os responsáveis pela educação das crianças.

Ao folhear o livro, é possível notar também o trabalho feito com a linguagem, além de seu caráter didático. Por exemplo, no poema com a letra “D”:

“Direito, Direito,
É o **D** que diz assim
Direito, Direito,
se gosta de mim.

Devagar com o Dente!
Não corra tanto, não!
Se mastiga mal
faz má **Digestão!**...
[...]

Dente sempre limpo,
Dente sempre são,
Dente forte, Dente duro,
Para boa mastigação!...

Devagar, Direito,
Direito, Devagar!
Acabou-se o dia?
Lave os **Dentes** e vá-se **Deitar!**

Olhe o **D**, olhe o **D**, olhe o **D** da **Dor!**
Olhe o **D** das **Drogas**
E o **D** de **Doutor!**



Olhe a **D**or-de-cabeça!

Olhe a **D**or-de-barriga!

- Ai! Ai! Ai! – Coitado!

(Tantos ais! Tantos ais!)

Ou comeu errado,

ou comeu **D**epressa,

ou comeu **D**emais!” (Meireles e Castro, 1996)

Neste trecho, como em todo o livro, se faz presente a rima. Rimas (assim/mim, são/mastigação, ais/demais, devagar/deitar, dor/doutor) diferentes, rimas a brincar com o som e significados das palavras, se deslocando nos poemas, ora alternadas, ora próximas. A sonoridade, a repetição de expressões (“dor de cabeça, dor de barriga, Ai ai ai, tantos ais/ tantos ais”) as rimas, dão uma forma de leitura agradável ao poema.

A letra “D” chama atenção primeiro para o que é certo, o que é “direito” e para o bom comportamento. Destaca o “dente” como uma parte do corpo importante para a mastigação e para se cuidar. Usando o “dente” direito, deixando-o “limpo”, sendo “forte”, “duro”, se evita “dor”, “drogas”, “doutor”, “dor de cabeça”, “dor de barriga”.

Destaca-se ainda o jeito de se alimentar: devagar, não depressa, não errado, não demais. Se olharmos para as ilustrações deste poema, vemos que as expressões e os gestos principais ligados à higiene e à força dos dentes, estão distribuídos assim: o palhaço, com o “D” estampada na roupa, dando a ideia do que é certo, direito, o menino com dor de cabeça, o copo com água e uma escova de dentes, o doutor, conforme vemos abaixo:



Outro exemplo do uso estético da linguagem pode ser visto no poema “S”,

“Salve!
Que o **S** da **Saúde**
faz a Sua **Saudação!**
Tem o **Sol** amarelo no peito,
no lugar do coração!

E ele diz:
Este **Sol** com seu ouro enriquece o meu corpo:

Riqueza de Saúde – que não tem igual!
Sol dourado que vem pela janela aberta,
e se estende na praia branquinha,
e que brinca no claro quintal!

Salta o palhaço do S:
Faz o Salto-mortal!
Não tem medo de nada,
Nada lhe faz mal!

Pois é o S do Sumo das frutas,
S das comidas Simples
das Saladas Sortidas,
com legumes Sedutores,
enfeitados de Salsa,
com pouquinho Sal!

Porque é o S do Sangue luminoso
o S de alma Sadia,
o S de corpo São,

Salve! Salve! Salve!
Que o S da Saúde
dá outro Salto,
e faz outra Saudação!” (Maireles e Castro, 1996)

A letra “S” cria uma imagem poética ligada ao sol, um elemento importante para a vida saudável, que entra com seus raios luminosos pela casa, pela “janela aberta”, atravessa o quintal, permitindo assim “riqueza de saúde”. Para um corpo “são”,

“sadio”, para se ter um “sangue luminoso” destaca-se a relevância do “sumo das frutas”, dos “legumes sedutores”, “saladas sortidas”, do pouco uso do “sal”, essenciais para a melhor qualidade de vida, para a saúde dar um “salto”. Nas ilustrações, o sol aparece em destaque, juntamente com palhaços que dão saltos.



A letra “T” apresenta, num clima de festa, frutas, personagens e boas maneiras:

“Tá-ta-rá-ta-tá,
Ta-ta-rá-ta-tchim!
O palhaço do **T**
Trepa no Trampolim!

Ta-ta-rá-ta-tá,
Ora o **T** como bate,
Como bate,
bate, bate
no seu **Tamborim!**

Esse **T** da **Travessura**,
que é o **T** do **Trambolhão**,
se dá **Tombo** lá de cima,
quebra a **Testa** no chão!

Ta-ta-rá-ta-chim!
Lá do **Trampolim**,
o **T** diz assim:

“É de **Tomate**, de **Tomate** e **Tomatada**,
pra fazer cara vermelha,
pra fazer boca encarnada
que nem **Telha!**
É de **Tomate**, é de **Tomate**, é de **Tomate!**”
-E o **T** bate e bate-
Todo de escarlate!

E ainda diz assim:

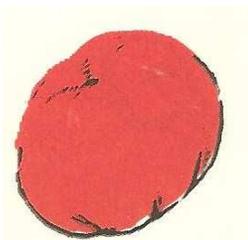
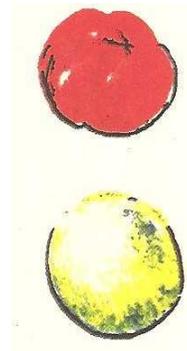
“Minha gente, olhe pra mim,
que eu sou o **T Trabalhador!**
Quando **Tenho** um **Tostão**,

Compro coisa de valor!
É de Tigela, é de Terrina,
é de Terrina, é de Tigela,
é de Tomate encarnado
e Tangerina amarela!”

Ta-ta-rá-ta-chim!
bate no Tamborim,
pula no Trampolim,
o palhaço do T,
de cara de carmim!”(Meireles e Castro, 1996)

A musicalidade está presente nas rimas, no jogo de palavras, assim como nas ilustrações, pelos personagens (palhaços) que diversas vezes aparecem tocando instrumentos.

Usando rimas (ta-ta-rá-ta-tchim/trampolim, trambolhão/chão, tomatada/encarnada, tomate/bate/escarlate), elementos de circo (como o trampolim), instrumentos musicais (como o tamborim), a letra “T” trabalha a questão dos bons modos, comportamentos vistos como adequados, transmitindo princípios de civilidade, ações apropriadas e “corretas”, a melhor forma de usar o dinheiro - que seria comprando coisas de “valor”, alimentos saudáveis. Há também ilustrações de palhaços, que tocando instrumentos musicais, com expressões alegres, dão a idéia de estarem em festa. Através do poema e de ilustrações, a letra “T” dá um destaque ao “tomate”, que como elemento importante, traz saúde e humor: “cara vermelha”, “boca encarnada”.





De um modo geral, em todos os poemas, nota-se a intensidade no sentido de “alfabetizar”, mas não a decifração de letras/sons. Uma “alfabetização” que incentiva a alimentação e hábitos saudáveis, higienizar, tendo como base a união entre a medicina, a literatura e a educação. É bastante visível que a obra atende à proposta que os autores se propuseram realizar, a convite da editora. (Fernandes, Oliveira e Menezes, 2008).

Mas também em meio às intenções pedagógicas entrelaçadas à obra, nota-se o elemento literário presente, através da preocupação dos autores em tornar os versos atrativos, utilizando jogos linguísticos, buscando cativar o leitor infantil, para o qual, segundo **Fernandes, Oliveira e Menezes** (2008) procurava-se suavizar o caráter funcional que a obra possui, buscando trabalhar os temas de forma divertida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns pesquisadores, ao analisarem a obra "*A Festa das Letras*", acreditam que esta apresenta uma visão elitista, além de pontos contraditórios, pois as questões apresentadas e o discurso higienista, a defesa da saúde e da boa alimentação, não correspondem a um modelo real encontrado naquele momento histórico. Segundo Fernandes, Oliveira e Menezes (2008), apesar de Cecília Meireles e Josué de Castro terem se engajado na luta por melhores condições sociais para os brasileiros e se preocuparem com os problemas existentes neste período, na obra "*A Festa das Letras*" os autores parecem desconhecer as condições da população brasileira, que carente não possuía acesso aos alimentos citados no livro, sendo muitos deles incomuns à realidade da maior parte da população.

Orientar crianças sobre uma vida saudável, melhores condições de vida, maior higienização, aparece como um dos objetivos principais do livro, porém, através de seus poemas, uma série de condições e alimentos que não atendem à possibilidade de aquisição do público são apresentados, sendo muitos deles artigos estrangeiros e possuindo valores elevados para a renda da maior parte das pessoas naquele período. Na análise que fizemos, no entanto, constatamos que parte da crítica feita por Fernandes, Oliveira e Menezes (2008) não procede. Nas ilustrações e nos textos, em sua maioria, vemos frutas bastante comuns em nosso país. Já na capa, vemos: cenoura, caju, limão, banana, por exemplo. E no poema, saltam aos olhos, outras frutas como laranja, maçã, tomate, entre outras.

Fernandes, Oliveira e Menezes (2008) acreditam que Cecília e Josué, ao escreverem "*A Festa das Letras*", demonstram uma visão utópica, pois defendem a idéia de que a partir da instrução da criança, o problema da má nutrição e da mortalidade infantil seriam resolvidos e a condição das famílias seria transformada para melhor.

A inversão da realidade histórica se evidencia na ação pedagógica de Cecília e Josué quando se observa, implicitamente, a justificativa de que a falta de saúde da criança - decorrente da má alimentação e dos maus hábitos - tem origem na ignorância das suas famílias sobre o uso adequado dos alimentos e de seus nutrientes. Igualmente, quando se associa à falta de higiene à ausência de educação, quando a realidade de moradia e saneamento básico da população carente impele a qualquer hábito considerado são, civilizado, europeu. (FERNANDES, OLIVEIRA E MENEZES, 2008)

Para os autores citados (*op. cit.*), a obra “A Festa das Letras” representa uma visão, além de elitista, cientificista dos intelectuais do início do século XX.

Há, também, um discurso que analisa o livro como uma obra não literária, mas sim com um conteúdo pedagógico, que busca ensinar, moldar, transmitir saberes e, principalmente, trabalhar questões escolares. Segundo Amarilha (1997), a obra não possui o *status* de produção literária, pois a mensagem de saúde veiculada pelo texto aparece de forma muito forte e, sendo assim, apesar dos autores utilizarem a rima e o refrão buscando apresentar um texto mais lúdico, de fácil memorização, no qual buscase brincar com os modelos formais de escrita, o mesmo não acontece com o seu conteúdo. O texto é então organizado pelos autores buscando transmitir uma informação exata, precisa, e por mais que o resultado seja aprazível, se tornando uma leitura agradável, ele não pode ser considerado literatura. (Amarilha, 1997).

Contudo, apesar dessas duas visões, nota-se que o livro “A Festa das Letras”, escrito na década de 30, ainda circula nas escolas e tem edições regulares há mais de 70 anos. Tal presença no mercado editorial atual nos leva a pensar que a obra tem resistido ao tempo e ao esquecimento, talvez pelo reconhecimento da crítica literária à escritora Cecília Meireles.

Talvez ainda provoque interesse dos editores porque trata de uma temática considerada importante, “a alimentação saudável”, em uma linguagem bem humorada e ritmada. As ilustrações e o texto que criam um jogo entre fantasia e realidade, entre *non-sense* e conhecimento, também podem ser aspectos bem avaliados do ponto de vista estético como sendo atraente, agradável, prazeroso para o leitor infantil.

Ainda que pareça fora do contexto atual, mesmo sendo uma obra que ensina bons comportamentos ligados à saúde e higiene das crianças, com uma linguagem que apresenta um vocabulário distante do cotidiano infantil contemporâneo, parece que “A Festa das Letras” tem o seu valor porque representa, de modo ficcional, uma sociedade de outrora.

Tal como em “A Bela Borboleta” de Ziraldo, sabemos que as obras só permanecem vivas quando lidas, o que faz suas páginas se moverem nas mãos de uma criança.

Sendo assim, o desaparecimento de uma obra pode significar não só o desaparecimento do mundo criado pelos seus autores, como também, do próprio mundo (real), no qual eles viveram e puderam representar as relações, seu ideário, sua utopia, sua luta.

Só assim, permanecendo viva, uma obra pode manter, por exemplo, estampada em sua capa o nome de Josué de Castro, de forma a permitir que leitores como eu, em busca de saber quem seria este autor que acompanha o nome da famosa Cecília Meireles, nada mais foi do que um brasileiro que morreu no exílio porque defendeu melhores condições (de saúde e educação) para a grande maioria de brasileiros, historicamente vítimas da pobreza e da desnutrição.

Só o fato de se poder manter vivo um nome em uma capa de livro que circula na escola, levando uma educadora a desejar ser leitora e estudiosa desta obra, perpetuando de alguma forma sua existência, já justificaria a edição dela por 70 anos.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e fobias**. São Paulo: Scipione, 1989.

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Petrópolis: Vozes, 1997.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Ática, 1987.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto; Secretaria de Educação Fundamental. Conhecimento de Mundo – **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. V. III. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

CHARTIER, Roger. *A Aventura do Livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado, 1999.

CHARTIER, Roger. *Práticas da Leitura*. São Paulo/; estação Liberdade, 2001.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 4a edição, São Paulo, Global Editora, 1997. pp. 200-221. Vol. 6.

COUTO, K. C. A série “Mico Maneco” de Ana Maria Machado: um convite ao universo literário. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: [s.n.], 2005.

CUNHA, M. A. Antunes. *Literatura Infantil: Teoria e Prática*. São Paulo, Ática, 1986

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo, Ática, 1991.

DAMASCENO, D. Cecília Meireles: poesia. Rio de Janeiro: Agir, 1996. 3ª ed.

DARNTON, R. História da Leitura. In Burke, P. (org) A Escrita da História: Novas perspectivas: São Paulo: UNESP, 1992.

FERNANDES, Hercília M.; OLIVEIRA, Tânia M. Fernandes; MENEZES, A. B. N. T. de . **Cecília Meireles & Josué de Castro**: poesia, medicina e a utopia da educação integral em A festa das letras (1937). In: 5º SEL - Seminário de Educação e Leitura, Natal-RN: UFRN, 2008.

FROTA, Lélia Coelho. Cecília Menina. Cultura, Brasília, 5 (21) 25-30 abr/jun. 1976 (FE)

GONDRA, José. “Modificar com brandura e prevenir com cautela”. Racionalidade médica e higienização da infância. In: KUHLMANN Jr.; FREITAS, Marcos Cezar (Org.). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002.

GOULEMOT, J. M. Da leitura como produção de sentidos. In CHARTIER, R. (org) Práticas de Leitura. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

GURGEIRA, P. A. *Walmir Ayala e suas aventura no ABC*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: [s.n.], 2007.

JESUALDO. A Literatura Infantil. São Paulo. Editora Cultrix, 1982.

LÔBO, Yolanda Lima. Cecília Benevides de Carvalho Meireles. In: FÁVARO, Maria de Lourdes; BRITTO, Jader de Medeiros. **Dicionário de Educadores no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. Literatura Infantil Brasileira – História e Histórias. 2ª edição. São Paulo: editora Ática, 1985.

MALGADI, A. M. B. M. A poesia no mundo: Educando Educadores. In. Cecília Meireles: A poética da Educação. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: Loyola, 2001.

MEDEIROS, G. S. *O batalhão das letras – de Mário Quintana, modos de ler de crianças em fase de alfabetização*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: [s.n.], 2007.

MEIRELES, Cecília; CASTRO, Josué de. **A festa das letras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

MEIRELES, C. Cecília Meireles: Poesia completa. Vol. I, II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. **Criança meu amor**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

_____. **Ou isto ou aquilo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

MELO, Elizabete Amorim. Livros Paradidáticos de Língua Portuguesa para Crianças: uma fórmula editorial para o universo escolar. Campinas, SP: [s.n.] 2004.

MISTRAL, Gabriela. El Folklore para Niños. Revista de Pedagogia, abril de 1935, Madri.

PÊCAUT, Daniel. **Intelectuais e a política no Brasil**: entre o povo e a nação. São Paulo: Ática, 1990.

PENTEADO, Ana Elisa de Arruda. *Literatura Infantil, História e Educação: Um Estudo da Obra Cazuzza, de Viriato Corrêa*. Campinas, Faculdade de Educação – UNICAMP, 2001. (Dissertação de Mestrado)

PERROTTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo, Ícone, 1986.

SECCHIN, A. C. Apresentação. In MEIRELES, C. Cecília Meireles: Poesia Completa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SENA, Y. M. Entre as páginas de um livro: Cecília Meireles. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: [s.n.], 2004.

SILVA, Ezequiel T. da. *Leitura & Realidade Brasileira*. P. A., Mercado Aberto, 1983)

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. São Paulo: Papyrus, 1986.

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na Escola*. São Paulo, Global, 1985.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ENDERECOS ELETRÔNICOS

- **www.projetomemoria.art.br**

- **www.josuedecastro.org.br**

